

**ENCARTE
EM BRAILLE**

CONTRATO Nº 3956 / 91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 27/28
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

**O sexo na obra
de Guimarães
Rosa**

***O cardápio
utópico de Eça
de Queiroz***

**O fascínio e os
mistérios de
Adalgisa**

***Pirenópolis:
uma história de
aventuras***

**Os
poetas
do
povo**

JOEL

MÃOS

Quanta prodigalidade
Em poucos meses, querida,
gastamos felicidade
que dava pra toda a vida!

Para ler a minha sorte,
e saber se é má ou bela,
com minhas mãos não se importe,
- vai ler, cigana, as mãos dela!

Delicados diademas,
trabalhadas obras-primas,
tuas mãos são dois poemas
rimando em vermelhas rimas.

Quem tais acordes te pôs
nas rodas desengonçadas,
ó velho carro de bois,
sanfoneiro das estradas?

J. G. de Araújo Jorge

CONTRÁRIOS

Alguém terá que ser o último,
para que sejas o primeiro.

E só serás proclamado o vencedor,
quando abaixo de ti houver vencidos.

Mas, o amor é mais generoso que a
vitória.

Porque não se alimenta da derrota.
Nem está condicionado.

Absoluto, independe do contraste.
Só o amor prescinde dos contrários.

Sólton Borges dos Reis

ENQUANTO CHOVE

Deixei pousar no verde
os olhos meus, enquanto
em meus ouvidos,
valsava em festa o bem-te-vi.
E por aí, gorgolejando pelos troncos,
a chuva seguia pelos caules
borbulhante como champagne
em taça fina, a deslizar,
quase macia, pelo mato encrespado
pela ventania, através das árvores
mal vestidas, num linguajar risonho
de promessa e fruto pelo canto da esta-
ção.

Deitei meus olhos verdes
pelo verde das campinas,
e senti o bafejar singelo
da terra em desafio...
Que perfume mais doce
que o que vem do mato no cio
quando irrompe, de repente,
a passada em destino,
sobre os flancos das florestas
a saudar o novo dia!

Quando a chuva serena
a sangrar pelos grotões da rocha nua,
escavada pelas mãos das enxurradas,
a revelar temores no grotesco do verão,
espraiando seu calor pelo sertão...

Solenes camadas de verdura
se debruçam, aos borbotões, na laje fria,
enquanto o tronco rude, exhibe a dor dos
galhos nus
em oração indefinida pelos rumos do infi-
nito...

E quanta vida a pipilar nos ramos,
a rumorejar nas frestas,
na cantiga lenta e triste
da chuva chorando,
plantando vida
e tecendo sonhos
na amplidão dos olhos meus...

Sonia Carolina

INFELICIDADE

És infeliz porque queres,
Amando a quem te quiser:
Ama todas as mulheres
Numa única mulher!

Sonilton Campos

VÔO

As flores, intactas.
As roupas, intactas.
Os papéis, intactos.

O apartamento, vazio.
A janela, aberta.

Marcelo Perrone

INSÔNIA

São 4 horas. A insônia
acabou de chegar.
Há um imenso silêncio.
Cidade estranha é Brasília.
Não tem cantos de galos. Não se ouve
um só grilo.

São 4:30. Ouço gritos e
sussurros. Pessoas fazem sexo.
Possivelmente algum casal de meia idade
cumpre a rotina das obrigações
maritais.

São 5 horas. Ouço passos.
Agora tropéis. São velhos e moços
dando início às suas caminhadas e exercí-
cios
matinais, uns para manter a boa forma do
coração outros para despertar atração
física no próximo.

São 5:30. Agora o ritmo dos ruídos
é mais febril. Senhores vetustos e
empregadas se preparam para o
passeio de seus cachorros.
Com certeza pela manhã as
vias públicas estarão repletas de
xixi e cocô. Tomarei mais cuidado
ao andar pela calçada hoje cedo.
São 6 horas. Sono. Isso são horas de você
chegar?!!!

Chico Nóbrega



Agora é oficial: o Sindicato dos Escritores e a Academia Brasileira de Letras vão fazer parte do Conselho Editorial do DF Letras.

Empolgado com o lançamento do último número do "DF Letras" no "Teatro da Praça", em Taguatinga, o presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, Ézio Pires, lançou um desafio de pronto aceito pelos editores da revista: a cada lançamento do "DF Letras", quer nas cidades-satélites quer nas do Entorno, seja organizada uma caravana de escritores, poetas e artistas em geral para a apresentação de suas obras.

Informalmente denominada *Caravana da Cultura*, a iniciativa vai ao encontro do espírito com o qual foi criado o "DF Letras": despertar junto à população o sentimento pela valorização e dinamização das atividades culturais.

Não poderia ter surgido uma idéia melhor dentro do axioma apregoado pelo poeta popular Milton Nascimento: "O artista tem de ir aonde o povo está".

Antes do final do ano, portanto, o "DF Letras" e o Sindicato dos Escritores do DF têm o compromisso de organizar a *Caravana da Cultura*. Em Brasília, a idéia é levá-la à Ceilândia, mais precisamente à "Casa do Cantador", e, no Entorno, conforme

o programa editorial já traçado, a *Caravana* vai a Pirenópolis.

Outra boa notícia para a classe artística: o "DF Letras" passa a contar, oficialmente, com um Conselho Editorial composto, entre outros, por representantes do Sindicato dos Escritores e por membros da Academia Brasileira de Letras. Uma novidade sem dúvida alvissareira.

Nelson Pantoja

Encarte em Braille

A partir deste número, o **DF Letras** publica um encarte em Braille informando que a revista está disponível em fita cassete para os deficientes visuais. Esta iniciativa só foi possível em virtude da parceria da Vice-presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal com a

Associação Brasileira de Deficientes Visuais (ABDV) utilizando-se o sistema operacional DOS-VOX, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ABDV (061) 274-4533 / DOS-VOX (021) 286-2002, ramal 314.

O canto do povo

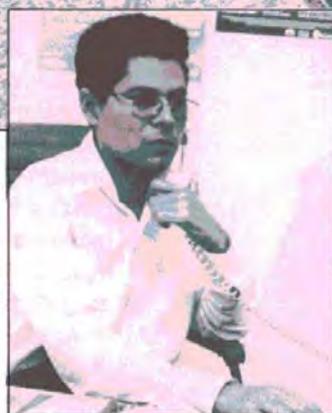
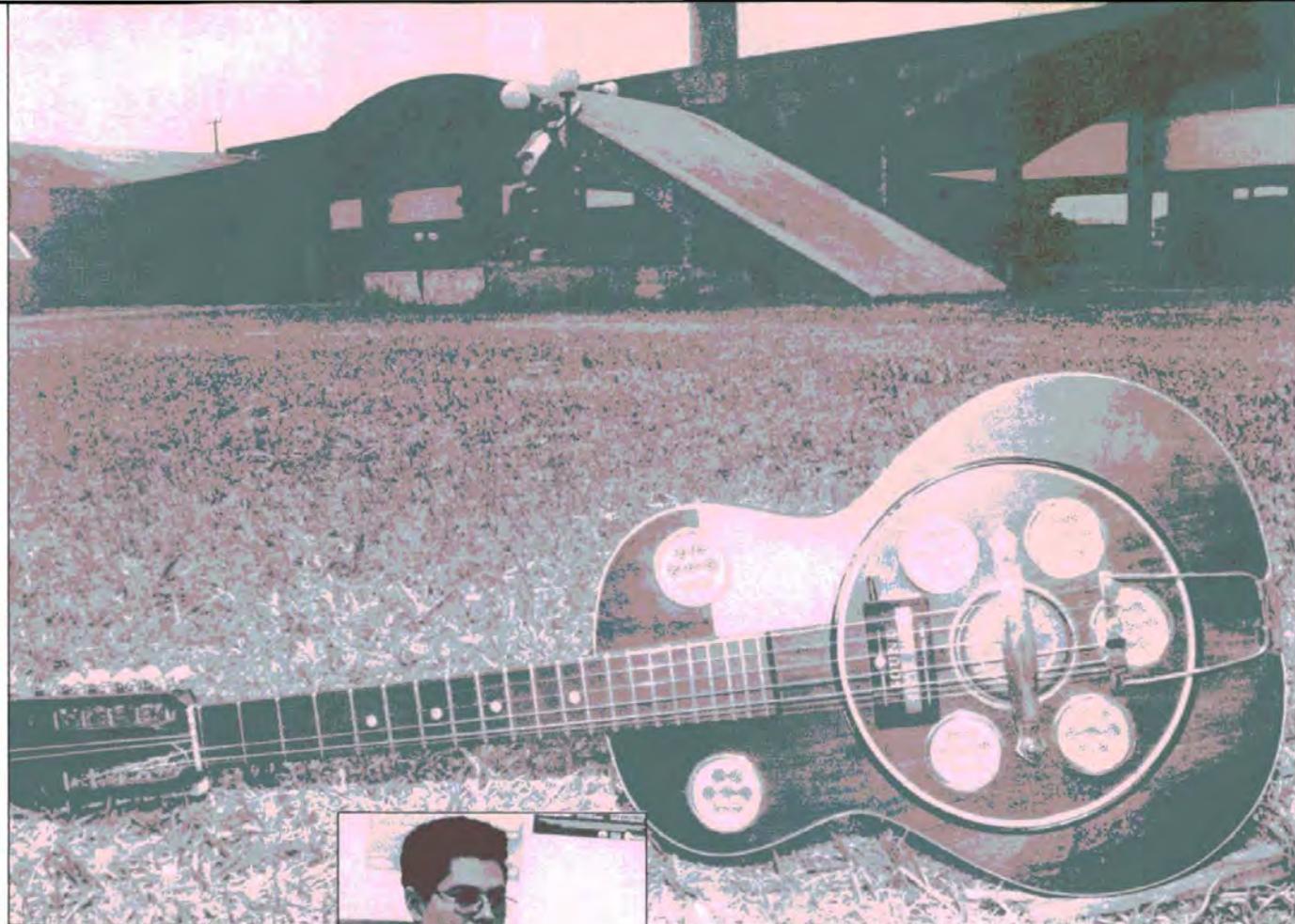
A "Casa do Cantador", em Ceilândia, simboliza a saga nordestina em Brasília. Através do canto, o Nordeste mantém suas tradições.



Em *Os Sertões*, o escritor Euclides da Cunha afirmava que "o nordestino era antes de tudo um forte." Nesta frase ele resumiu em toda a sua essência a tenacidade, a perseverança e o espírito daquela gente. A construção de Brasília foi um outro exemplo dessa fortaleza. Os candangos que aqui chegaram para transformar o imenso cerrado na Nova Capital, surgida das pranchetas de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa e hoje patrimônio cultural da humanidade, eram em sua esmagadora maioria nordestinos, não desmerecendo o papel dos demais brasileiros.

As marcas dessa vinda maciça de nordestinos ficaram fincadas para sempre em Brasília. São Paulo se orgulha de ser a maior cidade que abriga nordestinos, excluídas as cidades daquela região. Nós, de Brasília, nos orgulhamos também de ter a segunda cidade em população nordestina, que guarda as melhores tradições daquela gente, seja nas feiras, com sua culinária peculiar, seja na música, com seus cantadores e repentistas, prontos para os desafios de viola.

Oscar Niemeyer não deixou passar despercebido esses fatos. Homenageou Ceilândia e os nordestinos que moram lá com uma obra de rara beleza, a Casa do Cantador. Esse é um dos poucos pro-



jetos do ilustre arquiteto em uma cidade-satélite. Inaugurada em novembro de 1986, a Casa do Cantador estará completando 10 anos de atividades, principalmente voltadas para a cultura nordestina e a divulgação da música de cantorias e repentes, além da literatura de cordel.

A Casa do Cantador é um espaço cultural da Fundação Cultural, da Secretaria de Cultura e Esportes do Distrito Federal, e o seu atual diretor, Francisco de Assis Silva, cantor e repentista desde os 14 anos de idade, afirma: "a Casa vive agora uma verdadeira miscelânea cultural porque teve ampliada a sua ação voltada para a comunidade". Hoje, grupos de música popular, capoeira e cantadores fazem ensaios na Casa do Cantador. Além de abrigar repentistas e cantadores que passam por Brasília, a Casa põe à dis-

posição da comunidade uma biblioteca pública inaugurada em 1995, com um acervo de 3 mil volumes, composto de obras de referência, relatórios técnicos, livros e estudos sobre literatura regional e literatura de cordel.

Entre as atividades desenvolvidas pela Casa do Cantador, segundo o seu diretor, destaca-se o Festival de Repentes, o maior evento realizado em Ceilândia, que reuniu mais de 6 mil pessoas em agosto passado. O Projeto Cantoria-Escola, que leva aos alunos da rede pública de ensino informações sobre saúde, trânsito e no-

A "Casa do Cantador" é uma das obras de Oscar Niemeyer nas cidades-satélites.

Francisco de Assis, diretor da instituição

ções de cidadania, deverá distribuir nos próximos meses cerca de 18 mil livros de cordéis, resultante das cantorias dos repentistas em mais de 40 apresentações em escolas. A Casa oferece ainda oficinas de repentes, com cursos de rima, métrica e oração poética para cantadores e iniciantes.

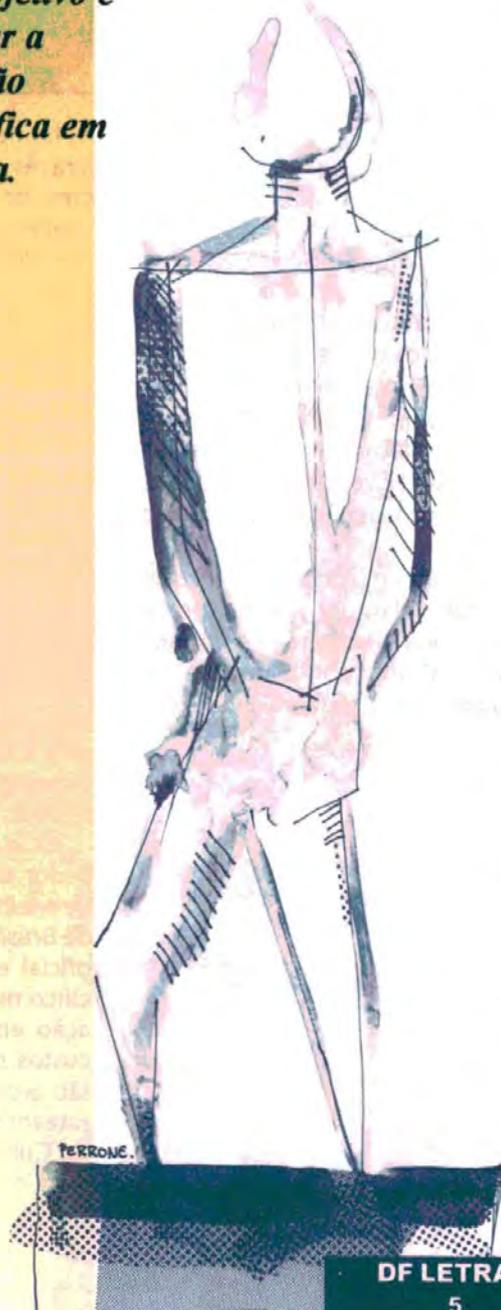
Com apenas 14 servidores para cuidar de todo o prédio, o que é insuficiente para suas dimensões, a Casa do Cantador necessita de reformas urgentes. Para Francisco de Assis, de imediato serão necessários recursos de cerca de 23 mil reais para recuperar aquele

espaço, que dispõe de um auditório semifechado com capacidade para mais de 450 pessoas e que terá brevemente um restaurante de comidas típicas nordestinas em funcionamento.

Brasília tem cerca de 12 duplas de cantadores e repentistas que vivem profissionalmente da música, mas esse número cresce muito quando se fala em cantadores amadores e apreciadores do gênero. A Casa do Cantador tem um cadastro atualizado de todos os repentistas, que cobram cerca de 200 reais, por dupla, para apresentações em festas e shows. Neste mês de outubro, a Casa estará promovendo um Festival de Repentes, somente com artistas locais. Estima-se que, com os projetos desenvolvidos pela Casa do Cantador, somente neste ano, mais de 50 mil pessoas visitarão aquele espaço cultural.

Câmara cria troféu para cineasta

A Câmara Legislativa vai distribuir prêmios durante o festival de cinema para filmes rodados no Distrito Federal. O objetivo é incentivar a produção cinematográfica em Brasília.



"O Cangaceiro" (1953), de Lima Barreto, produzido pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, foi o primeiro filme brasileiro a fazer sucesso internacional e a ganhar prêmio

Brasília viverá entre os dias 29 de outubro e 4 de novembro um clima hollywoodiano, com atrizes, atores e diretores consagrados do cinema nacional circulando entre cinéfilos de todas as idades no cine Brasília, em outras salas de espetáculos nas cidades-satélites e em volta das piscinas dos hotéis da cidade. É que será realizado neste período o 29º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, a mais importante mostra do cinema nacional, que traz como novidade neste ano o troféu Câmara Legislativa do Distrito Federal para fil-

mes rodados no DF e inscritos no festival.

O troféu Câmara Legislativa será distribuído em três categorias: I-Longa-metragem em 35mm (R\$ 5.000,00); II-Curta e média-metragem em 35 mm (R\$ 2.000,00); e III- Curta, média e longa-metragem em 16 mm (R\$ 1.500,00). Segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF, deputado Geraldo Magela, o obje-

O filme "O Padre e a Moça", de 1966, recebeu o troféu Candango de melhor atriz para Helena Ignês. O filme é do diretor Joaquim Pedro de Andrade

tivo da criação do troféu é incentivar a produção cinematográfica de Brasília, contribuindo para que a cidade seja ponto de referência no setor. No caso de não haver nenhum filme rodado no Distrito Federal inscrito no festival, os recursos em dinheiro destinados às três categorias serão repassados ao Fundo de Apoio à Arte e Cultura para financiamento da produção cinematográfica do DF.

A comissão organizadora do festival enfrentou vários problemas para a realização do evento. Apesar das inscrições para o festival terem sido abertas desde 9 de setembro passado, vários cineastas se sentiram prejudicados pela falta de material de divulgação e inscrição do evento em algumas capitais, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. A escolha do cartaz oficial foi outro imbróglio.

O cartaz vencedor do concurso público foi considerado não representativo do caráter nacional do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Segundo a comissão organizadora, o cartaz vencedor estava muito voltado para Brasília. Mas a comissão apresentou outro cartaz alternativo salvando o festival de um fiasco nacional.

O festival deste ano irá render homenagens ao ator Jofre Soares, recém-falecido, ao ex-diretor da Cinemateca Nacional, Cosme Alves Neto, e ainda ao professor e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, que criou o Festival de Brasília.



Tradição de 31 anos

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, hoje na sua 29ª edição, foi criado em 1965, com o nome de Semana do Cinema Brasileiro. Seu objetivo era, na época, divulgar na Capital do país os filmes produzidos no Brasil, pouco conhecidos aqui, porquanto a cidade dispunha apenas de dois cinemas no Plano Piloto, o que dificultava a exibição das películas nacionais. Atualmente, o festival é o mais importante evento do cinema nacional, rivalizando com a mostra de Gramado, no Rio Grande do Sul.

Roberto Santos, pela direção de "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", Leonardo Villar, por sua interpretação no mesmo filme, Fernanda Montenegro, por sua interpretação em "A Falecida", de Leon Hirszman, foram os primeiros premiados com o troféu Candango.



"A Hora e a Vez de Augusto Matraga", de Roberto Santos

As homenagens serão feitas através de exibições de filmes, no caso do ator Jofre Soares, e exposições fotográficas nos outros dois casos. A comissão organizadora pretende fazer a cerimônia de abertura do festival na sala Villa-Lobos, do Teatro Nacional, com exibição do filme "O que é isso, companheiro?", do cineasta Bruno Barreto, mas não há ainda uma definição precisa do evento. Será exibida durante a realização do festival as mostras "Vídeo Vírus", apresentadas ao público no último Rio Cine Festival, além de filmes recuperados pela Cinemateca Nacional e exposições fotográficas de festivais anteriores.

O longa-metragem vencedor do troféu Candango de Melhor Filme do Festival de Brasília deste ano, do júri oficial e popular, receberá cinco mil reais como premiação, em cada categoria. Os custos totais do festival estão orçados em R\$ 700 mil, rateados entre o Ministério da Cultura, Banco de Brasília, Governo do Distrito Fe-

deral e co-patrocínio de empresas privadas ligadas ao setor. Este ano, o Festivalzinho, uma mostra paralela ao evento maior, dará à produção vencedora um prêmio de 1 mil reais. Um júri juvenil escolherá a obra premiada.

Na programação paralela, está prevista a realização do Encontro de Pesquisadores, com mesa-redonda com diretores de cinematecas dos países do Mercosul, além de quatro oficinas com os cineastas Ruy Guerra, Jorge Duram, Arturo Uranga e o videomaker Marcello Dantas. Os temas discutidos nas oficinas serão os seguintes: roteiro cinematográfico, efeitos especiais em cinema, paixão pelo cinema e vídeo, narrativa não linear, interatividade e imersão total.

SOARES, O HOMENAGEADO



Joffre Soares, um dos mais talentosos atores brasileiros, recentemente falecido, será homenageado durante o Festival de Brasília. Soares desempenhou os mais diversos papéis em quase cem filmes.

PREMIAÇÃO

LONGA-METRAGEM EM 35mm

Melhor Filme (júri oficial)	5.000,00
Melhor Filme (júri popular)	5.000,00
Melhor Diretor	2.000,00
Melhor Ator	1.500,00
Melhor Atriz	1.500,00
Melhor Ator Coadjuvante	1.000,00
Melhor Atriz Coadjuvante	1.000,00
Melhor Roteiro	1.000,00
Melhor Fotografia	1.000,00
Melhor Direção de Arte	1.000,00
Melhor Trilha Sonora	1.000,00
Melhor Edição de Som	1.000,00
Melhor Montagem	1.000,00

CURTA-METRAGEM EM 35mm

Melhor Filme (júri oficial)	2.000,00
Melhor Filme (júri popular)	2.000,00
Melhor Diretor	1.000,00
Melhor Ator	500,00
Melhor Atriz	500,00
Melhor Roteiro	500,00
Melhor Fotografia	500,00
Melhor Direção de Arte	500,00
Melhor Trilha Sonora	500,00
Melhor Edição de Som	500,00
Melhor Montagem	500,00

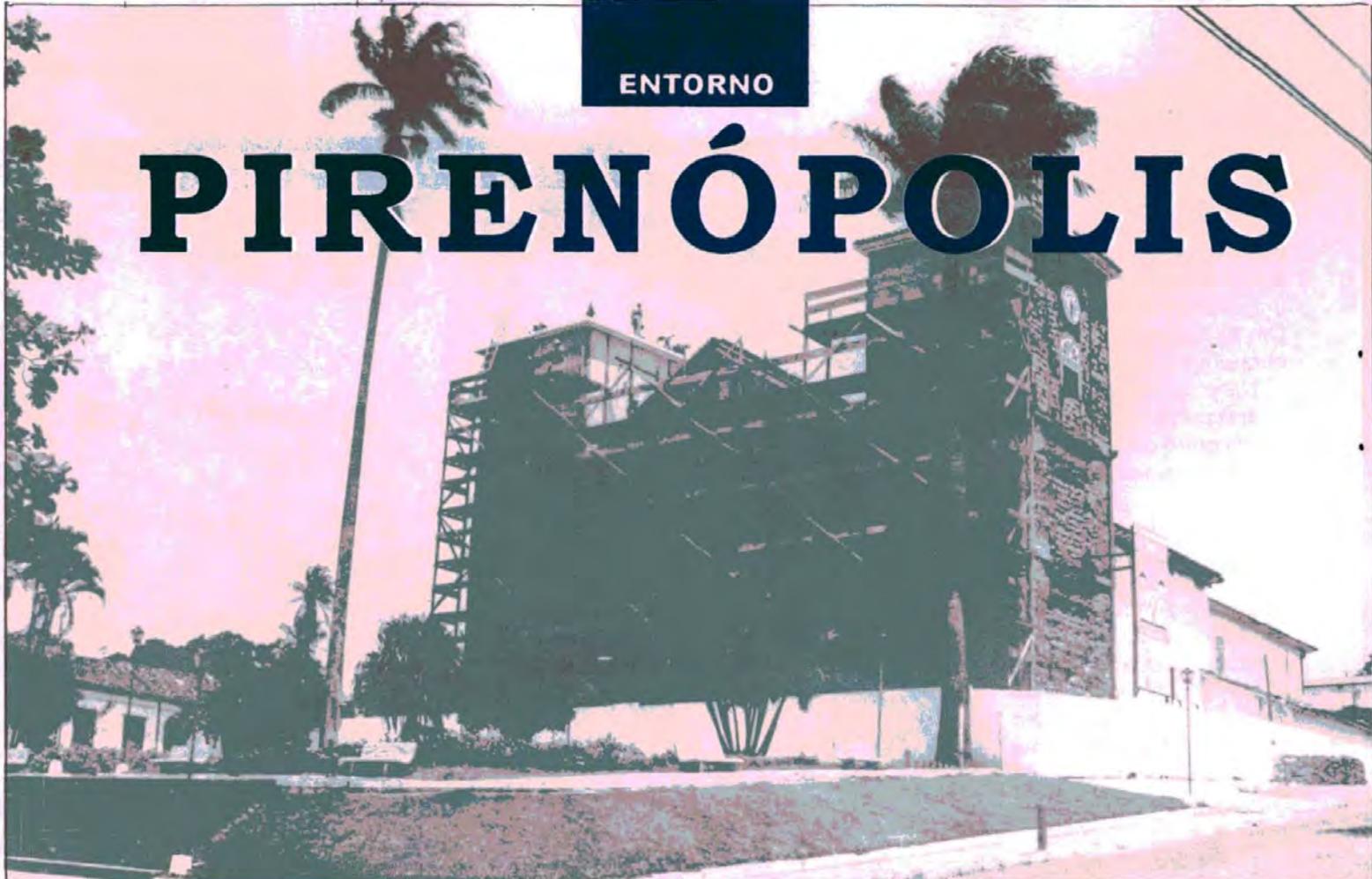
LONGA, MÉDIA E CURTA EM 16mm

Melhor Filme (júri oficial)	1.500,00
Melhor Diretor	1.000,00
Melhor Ator	500,00
Melhor Atriz	500,00
Melhor Roteiro	500,00
Melhor Fotografia	500,00
Melhor Direção de Arte	500,00
Melhor Trilha Sonora	500,00
Melhor Edição de Arte	500,00
Melhor Montagem	500,00

PREMIAÇÕES ESPECIAIS

Paulo Emílio Salles Gomes	
Melhor Filme do DF (35mm)	1.000,00
Festivalzinho - Melhor Filme	1.000,00
Prêmio Especial do Júri - Longa 35mm	1.000,00
Prêmio Especial do Júri - Longa 16mm	1.000,00
Prêmio Especial do Júri - Curta 35mm	500,00
Troféu Câmara Legislativa do DF	
Longa 35mm	5.000,00
Troféu Câmara Legislativa do DF	
Curta/Média 35mm	2.000,00
Troféu Câmara Legislativa do DF	
Curta/Média e Longa 16mm	1.500,00
Prêmio Unesco para Jovens Cineastas	20.000,00

PIRENÓPOLIS



UMA HISTÓRIA DE AVENTURAS

□ **Pompeu Christovam de Pina**

Construída em 1750, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário é um marco arquitetônico e histórico da cidade, começa finalmente a ser restaurada. Suas paredes, feitas de taipa, têm 12 palmos de largura, sobre alicerces de pedra. A história de Pirenópolis é uma saga de aventuras.

Os aventureiros entraram pelos sertões, na ambição de glória e o desejo de riquezas fáceis, em busca do ouro, com a sanha de conquista, pondo fim à pacífica nação Goiás. Para nossa tristeza dela nada mais resta senão o nome. A conquista das terras goianas teve início com uma página negra de nossa história quando os aventureiros ameaçaram os moradores da terra em ateando fogo nos rios, dando como exemplo o fogo em um prato de aguardente (pinga). Começou a nossa história tapeando os moradores,

tomando suas terras, matando suas famílias em nome de uma "catequese", pondo fim à cultura dos verdadeiros goianos.

A região de Meia Ponte também não fugiu às normas de conquistas e foi descoberta por um malfeitor, Manoel Rodrigues Tomar, que começou a usurpar a glória deste acontecimento e terminou por ser expulso do Arraial por Urbano do Couto Menezes, sendo incontestemente Manoel Tomar, o descobridor das Minas de Nossa Senhora do Rosário, para não fugir à norma dos descobridores, em dar o nome

do local descoberto o do santo do dia.

Em 14 de agosto de 1732, Antônio Luiz Tavares, Conde de Sarzedas, assume o governo da Capitania de São Paulo, à qual as minas de Goiás pertenciam e se encontravam em verdadeira desordem. Em 25 de abril de 1735 providências foram tomadas para pôr ordem nas minas de Goiás, entre elas:

a) que fossem desmembradas de São Paulo e promovidas;

b) que em nossa Capitania se criassem duas vilas, sendo uma em Meia Ponte e a outra em

Sant'Ana;

c) que as oficinas da casa de fundição fossem transferidas para Goiás e assentadas em Meia Ponte.

Em 1739 foram as minas de Goiás divididas em duas Comarcas: Comarca Sul e Comarca Norte. O Arraial de Meia Ponte estava na Comarca Norte juntamente com Vila Boa, Santa Luzia e Crixás.

Estavam sujeitas à Meia Ponte, a dos córregos Jaraguá, Corumbá e Sant'Ana do Rio do Peixe.

O Arraial de Meia Ponte, cabeça do Julgado, está edificadado à margem esquerda do Rio das Almas e cortado pelos córregos do Lava-Pés e Prata. Cresceu desordenadamente, tendo, naquela época, segundo Cunha Matos, cinco igrejas, um hospício da Terra Santa e uma rua vistosa chamada dos Bestas, Bonfim e Rosário.

Segundo Silva e Souza (Membro Histórico da Província de Goiás), eram as seguintes as divisas do Julgado de Meia Ponte:

"O Julgado de Meia Pontense está situado entre 14 graus, 30 minutos e 16 segundos de latitude meridional. Ignora-se a longitude. A sua extensão é de 25 léguas de nascente a poente e 35 léguas de norte a sul. Confina ao norte com o território de Traíras, do qual é separado pelo rio Maranhão e com o de Pilar é separado pelo ribeirão dos Bois; confina ao sul com o Julgado de Goiás onde se divide com o rio Meia Ponte e com Bonfim, Julgado de Santa Cruz do qual é separado pelo ribeirão Jurujuba. Confina no nascente com St^a Luzia e Angicos, separando-se pelos rios Areias, Macacos e Rio Verde. Confina ao poente com Goiás, do qual se divide pelo ribeirão Sucuri e Lagoinha".



A ponte sobre o Rio das Almas, construída com pedras e madeira, é um cartão postal de Pirenópolis. Só passa um veículo de cada vez

POPULAÇÃO

Em 1736, elevada a arraial (11/fevereiro);

Em 1832, promovida a vila (10/julho);

Em 1833, instalação da primeira comarca (14/abril);

Em 1850 (6 de julho) promovida a cabeça da comarca denominada rio Maranhão, (Dr. Ermano Domingos do Couto);

Em 1853, (2 de agosto), cidade;

Em 1890 (27 de janeiro), nome de Pirenópolis.

Na ocasião em que foi criada a Vila de Meia Ponte, paralisados já estavam os serviços de mineração, pelo que cessou a entrada de forasteiros. O aumento da população somente se dava com os filhos ali nascidos e a chegada de lusos, paulistas e mineiros que juntos fizeram florescer a Vila de Meia Ponte.

Tanto como vila quanto como cidade, era Meia Ponte dotada de sentimentos re-

ligiosos, de amor às artes, de respeito às autoridades e às leis.

Entre os seus habitantes, eis os que mais se destacaram:

Antônio Rodrigues Frota, que faleceu nos idos de 1754, cuja pessoa ficou na história pirenopolina como lendária. Senhor de grandes posses, mantinha no arraial verdadeiro feudo, com área determinada, tendo construído um castelo do outro lado do rio onde se dava guarida aos perseguidos, viajantes etc. Juntamente com seu genro, Luciano Nunes Teixeira, construiu a Igreja do Carmo por volta do ano de 1750, sendo ali enterrados.

Não se pode falar em Meia Ponte sem falar no Comendador Joaquim Alves de Oliveira, um dos cinco vultos meiapontenses, segundo o professor Jarbas Jayme. Teve este cidadão toda a sua vida dirigida a Meia Ponte.

Senhor de 400 escravos, construiu o palácio de Anduzeiro (365 janelas); o Engenho São Joaquim (Babilônia), onde mantinha

uma senzala, toda arruada, servida com água e sanitários. A prosperidade do Comendador baseava-se na indústria canavieira e no intercâmbio comercial com as cidades do Rio de Janeiro e Cuiabá. Entre os grandes feitos do Comendador, o que mais se destacou foi a criação do jornal "A Matutina Meiapontense". No ano de 1829, o Comendador adquiriu no Rio de Janeiro uma oficina tipográfica e fez publicar pela primeira vez o jornal, cujo primeiro número circulou em 5 de março de 1830, com duas edições por semana, nas terças e nas sextas. Além de ser o primeiro jornal a circular, tinha ele um cunho de importância muito grande por publicar os atos oficiais dos governos de Goiás e Mato Grosso. O "Matutina" deixou de existir em 1834. Era seu redator Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. Mais tarde outros jornais foram publicados em Pirenópolis: "Voz Juvenil", boletim "São José", "Pirineus", "A Matutina", "Pirenópolis Elite Combate", "O Mensageiro", "Nova Era".



ZÉ RAMALHO
(PDT)

O tradicional Festival de Cinema de Brasília é, junto ao de Gramado, um incentivo ao cinema brasileiro. Mas ainda é muito pouco. Governo e empresários precisam vislumbrar a importância que representa o desenvolvimento da indústria cinematográfica, com o objetivo, principalmente, de abrir novas fronteiras nacionais e internacionais. O retorno de capital é certo tanto na arrecadação de impostos, quanto nos incentivos fiscais à iniciativa privada. Isso tudo sem contar o aporte cultural que representa o cinema para toda a sociedade.



JOSÉ EDMAR CORDEIRO
(PSDB)

Espaço voltado para as artes e raízes populares no Nordeste, a Casa do Cantador é um centro de referência cultural para o Distrito Federal. A Casa do Cantador, de Ceilândia, resgatou as raízes do homem nordestino, que veio ao Planalto Central realizar a epopéia de um povo, a construção de Brasília, a Capital de todos os brasileiros. Hoje a Casa do Cantador é um pólo de difusão cultural, promovendo eventos, cursos e abrindo espaço para as manifestações populares de Ceilândia, fomentando as artes e contribuindo para a melhoria do nível sócio-cultural daquela comunidade.

O povo pirenopolino foi sempre amante do teatro. A primeira casa de teatro data de 1860, construída por Manoel Borba de Siqueira. No ano de 1899, Sebastião Pompeu de Pina constrói o segundo e no ano de 1919, o Pe. Santiago Uchôa constrói o terceiro. Sendo encenado neste espaço de tempo peças como "Ézio em Roma", "Aspasia", "Demofontes", "Graças de Deus", etc.

Pirenópolis foi o berço da música no estado de Goiás, com seus filhos maestros como Francisco Inácio da Luz, Antônio da Costa Nascimento, Silvino Odorico de Siqueira, Joaquim Propício de Pina, Agesislau de Siqueira, Vasco da Gama Siqueira, Sebastião Pompeu de Pina, Luiz de Aquino Alves, Brás Wilson Pompeu do Pina Filho.

A primeira orquestra de que se tem notícia, criada por José Joaquim Pereira Veiga, funcionou até o ano de 1840. Em 1858 foi criada a segunda orquestra por Francisco Inácio da Luz.

Encontramos a primeira banda de música no ano do 1830, que era particular, para deleite do

Comendador Joaquim Alves de Oliveira. Esta banda tornou-se militar quando da criação da Guarda Nacional em 18 de agosto de 1831 (Lei Diogo Feijó).

As orquestras eram também das capelas. Antônio da Costa Nascimento (Tonico do Padre) criou por volta de 1868 a banda de música Euterpe. Maestro de temperamento irritável dirigiu a corporação com energia e fúria disciplinada, que mereceu elogios de Oscar Leal e José Amélio. Em 1903 passou a ser dirigida por Silvino Odorico de Siqueira. Deixou de existir em 11 de janeiro de 1935.

Em 1892, outra corporação foi criada pelo maestro Joaquim Propício de Pina, recebendo o nome de Phoenix. Com a morte do maestro, passou a ser dirigida por Luiz de Aquino Alves. Esta corporação existe até os dias de hoje, sendo dirigida por Alexandre Luiz Pompeu de Pina.

Nas margens do Rio das Almas, as lavadeiras garantem o sustento de suas famílias lavando a roupa à moda antiga

Padre Francisco Henrique Trigante des Genettes, natural filho de outras terras estrangeiras, no exercício do magistério, deixou uma paisagem de glória nas terras dos Pirineus. Além de médico clínico era mineralogista, botânico, zoologista, dramaturgo, comediógrafo, deixando especialmente nos estados de Goiás e Minas Gerais os seus ensinamentos, merecendo do ilustrado Luiz Cruls referência em seus relatórios. Nasceu em Panilac-Giranda, consulado da França, em 1801, bacharel em Ciências e Letras, pela Escola Montpellier e médico, pela Academia de Medicina de Brent, prestando serviço militar em Marrocos. Mentor intelectual da revolução mineira que explodiu em 20 de agosto de 1842.

Em 1851 entrou pelo interior goiano em exploração científica e participou da fundação do Partido Liberal. Foi professor na cidade de Uberlândia.

Em Meia Ponte, fundou o colégio Senhor do Bonfim (6/10/1868 a 15/6/1870). Com 75 anos de idade, se fez padre sendo ordenado na matriz de Pirenópolis, em 2/7/1876.



Cantou a primeira missa em Corumbá (15/7).

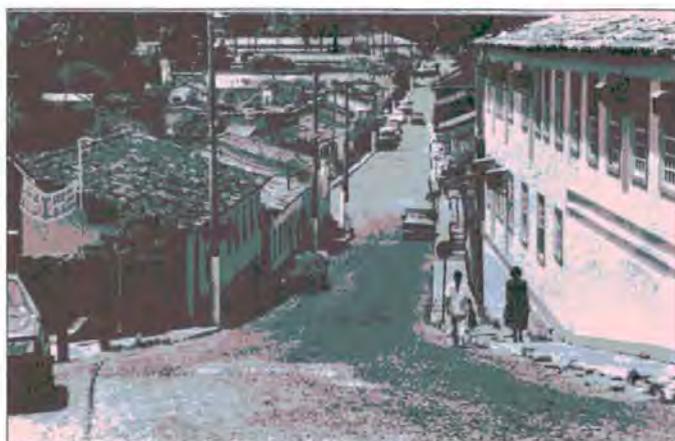
Em 1870, encerrando suas atividades em Meia Ponte, rumou para Uberlândia onde clinicou até 1874. Fez circular o "Paranayba" no Sertão da Farinha Podre, hoje Triângulo Mineiro. Foi vereador pela comarca de Uberlândia, autor do livro "Minha Profissão de Fé". Vigário de Ipameri.

Por provisão de 9 de fevereiro de 1881 do Bispo D. Cláudio José Gonçalves Ponce Leão, foi nomeado vigário de S. Luzia (posse em 16 de abril).

Quando vigário, exerceu o mandato de deputado provincial. Veio a falecer em 26 de julho de 1889 em S. Antônio do Cavaleiro.

CRULS

A cidade de Pirenópolis foi escolhida para sede dos trabalhos da outra comissão que ali chegou no dia 1º de agosto do ano de 1892, comandada pelo Dr. Luiz Cruls, sendo que no dia 7 de agosto diversos membros da comissão se dirigiram aos Pirineus e ali deixaram o documento seguinte: "Às 12 horas da manhã do dia 8 de agosto de 1892, 4º da República dos Estados Unidos do Brasil, chegou ao alto deste pico, o mais elevado dentre os dos Pirineus, a Comissão Exploradora do Planalto Central e aqui fez observação para determinar com maior precisão. E para atestar em qualquer época a sua presença lavrou este documento que é por todos assinado e que depois de convenientemente lacrado, fica depositado no alto do próprio pico. L. Cruls, Antônio Pimentel, H. Morize, Tasso Fragoso, Pedro



Pelos becos e ladeiras de Pirenópolis a vida escorrega lentamente como na época longínqua do Arraial da Meia Ponte

Gouveia, A. Abrantes, Alípio Gama, Hastihilo de Moura, P. Cuiabá, Henrique Silva, Paulo de Melo".

Pirenópolis, a partir de Joaquim Alves de Oliveira até os anos de 1900, manteve o ritmo cultural desenvolvimentista. A partir daí surge o comércio passando a ser fonte de abastecimento de toda região. Era comum receber tropeiros da

cidade de Cuiabá, com os das cidades do norte goiano, assim como Amaro Leite, Porto Nacional, Peixes, etc. Os comerciantes de maior volume comercial eram o Cel. Luiz Augusto Curado, Félix Jayme, Otávio Gomes da Silva, José Pereira, Francisco de Sá, etc. Cada comércio mantinha a hospedagem dos fregueses, bem como a de seus animais. A loja do Cel. Luiz Augusto Curado mantinha naquela época 20 balconistas para atendimento de seus fregueses. Com surgimento de Anápolis, para lá se deslocou

o centro comercial de Goiás, iniciando-se o período denominado de "Idade Média de Pirenópolis", ou seja, vivendo do passado agosto.

As cidades do interior passaram a sofrer um fluxo migratório bastante acentuado, e tal acontecimento agravou-se mais ainda com o aparecimento da nova capital do estado goiano e da Capital da República, Brasília.

A mudança da capital federal para a cidade de Brasília em nada contribuiu para a vida dos pirenopolinos. Malgrado todos estes acontecimentos, nada sofreu a sua cultura e costumes tradicionais. Pirenópolis ficou entre duas capitais, entre dois jogos, ou seja, no corredor da miséria, vivendo daquilo que caía das mesas dos ricos. Na década de 60, querendo intensificar a indústria extrativa de lajes, ou seja, quartzito em forma xistosa, é que reaparece o comércio na cidade de Pirenópolis.

CIDADE SURPREENDENTE

Vania Maria Codeço Velloso

Descobrir Pirenópolis tem que ser aos poucos. Ninguém, por primeira vez, fica imune a sua expressão de beleza arquitetonicamente antiga. E a memória vai buscar imagens diamantinas e sabarás, como se aquela história toda não pudesse acontecer ali, em Goiás. Só depois é que a gente amanhece para as outras maravilhas da cidade, as naturais.

As águas de cristal que cercam Pirenópolis se amotinam em cima das pedras e transformam-se, quase sempre, em cachoeiras inacreditáveis; onde quer que a gente vá elas nos perseguem. As montanhas, listradas de caminhos sinuosos, prometem surpresas aos adeptos do "trekking". Os museus - há museus, sim -, recolhidos em sua timidez, estão sempre à espera de quem tome a iniciativa, e aí se abrem, generosos, e deixam que a gente se intrometa nas intimidades alheias. As

ruelas tão pisadas, tão visitadas, nunca se negam a oferecer surpresa após surpresa, numa porta aqui, numa janela ali, num detalhe acolá. E ainda há os aromas e sabores genuinamente pirenopolinos, insuspeitados até que sejam impedidos de se manter no anonimato. E as cavalhadas, que, expressas embora em sucintas notícias pelos habitantes da cidade, nem assim deixam de ser admiráveis. E Vagafogo, onde trafegam aves de anunciada preservação. E a Babilônia, já no finalzinho da cidade - quando ela vai escapulindo pela Belém-Brasília -, fazenda recheada de passado e de histórias que Dona Telma sabe contar tão bem e que adoça com um café da manhã tão rico e tão farto, que é capaz de alimentar pelo dia todo...

Isso tudo é Pirenópolis, e muitas outras coisas. Coisas demais para uma cidade tão pequena mas tão surpreendente.



CÉSAR LACERTA
(PTB)

O Gama lutou bastante em 1991 para sediar o Pólo de Cinema e Vídeo do DF. Após inúmeras batalhas, aprovaram uma lei nesta Casa garantindo a vitória à cidade. Entretanto, "forças ocultas" conseguiram tirar o empreendimento do Gama, no "tapetão". O Pólo foi para Sobradinho, onde está abandonado, e, quando funcionou, lá produziram poucos filmes, entre os quais o longa-metragem "A Terceira Margem do Rio", obra de Nelson Pereira dos Santos. Mas, independente da localização do Pólo, temos agora de unir forças para fazer com que ele funcione, produzindo bons filmes, propiciando entretenimento e uma nova fonte de renda para o DF.



JORGE CAUHY
(PMDB)

Brasília prepara-se para viver mais um festival de cinema, no exato momento em que o cinema nacional atravessa uma fase extremamente rica, com bons lançamentos no mercado. Convém destacar a participação da iniciativa privada na realização dessas produções, beneficiadas pela recente Lei de Cinema, o que está permitindo a revitalização do cinema nacional. Torcemos para que essa mesma lei sensibilize o empresariado brasileiro e faça com que o Pólo de Cinema do DF se transforme em realidade, tomando-se uma fábrica de empregos e sonhos.



Tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, Pirenópolis mantém preservada a sua memória através do conjunto de casarões coloniais, palmeiras centenárias e ruas calçadas com pedras

Ao lado da pedra, a partir de 1980, uma nova indústria tende a crescer, a do turismo. Pirenópolis conta hoje com uma bela rede de hotéis e restaurantes, bares, lanchonetes, etc. Tudo parecia intacto quando passou a ser agredida pelos falsos turistas e pela televisão, pondo fim à tranquilidade e costumes do povo pirenopolino. Nos dias de hoje está a cidade de Pirenópolis sofrendo uma sacudidela e tendo um crescimento assustador por não ser cidade dotada de rede de esgoto. Não existe na cidade plano diretor, coordenação, planificação.

Desta forma estamos de orelha em pé para defesa de um direito. Pirenópolis tornou-se Patrimônio Histórico Nacional. Tal acontecimento pegou de surpresa os moradores da cidade, porque não tinham entendimento do que viria a ser tal medida.

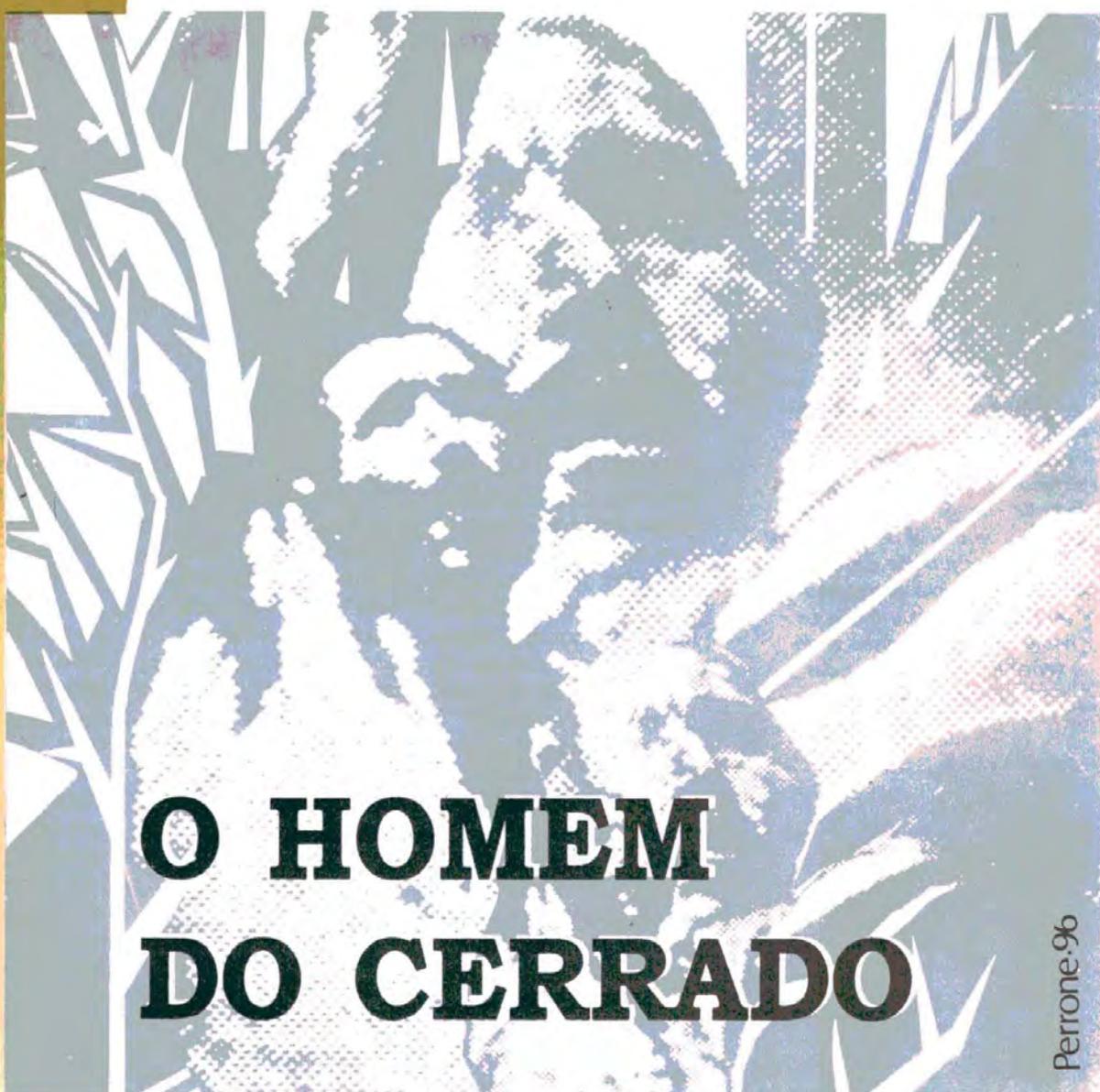
Ao nosso ver, primeiramente deveria ter sido tombada a consciência do povo, depois os casarões antigos. A partir da

lei, os moradores, achando que sofreriam constrangimentos por parte do Patrimônio Histórico, de imediato passaram a modificar, demolir e a fazer tudo aquilo que pretendiam, desta maneira mutilando a arquitetura colonial, uma agressão das mais clamorosas. E para nossa infelicidade, foi extinto o SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), ficando a cidade entregue a deus-dará. O descaso do Departamento de Cultura do estado de Goiás é que levou a Prefeitura Municipal de Pirenópolis, através do Departamento de Cultura, a tomar medidas intervencionistas na área tombada, como medidas coercitivas e vendo a prioridade das obras de res-

tauração. A Igreja do Carmo foi entregue ao SPHAN, para reforma há sete anos, sem que seja concluída tal reforma.

A Igreja Nosso Senhor do Bonfim, construída por volta de 1750 a 1754, encontrava-se em ruínas e só restou à Prefeitura Municipal fazer tais reformas.

Pirenópolis hoje começa a nos assustar com seu crescimento, com invasões, e uma grande corrente migratória. A cidade poderá viver até com 20 mil habitantes. A partir daí, será difícil contornar, pois não é servida de rede de esgoto ou mesmo rede pluvial. Assim se faz necessário uma política de preservação bem como um plano diretor evoluído e recursos financeiros para tal. Com a miséria reinante nada poderá ser feito.



O HOMEM DO CERRADO

Perrone.96

□ Paulo José Cunha

Três meses de reclusão, anos a fio de pesquisa, um trabalho exaustivo coroado de pleno êxito. É assim que o jornalista Paulo José Cunha classifica o livro do historiador Paulo Bertran sobre o "homem cerratense". O trabalho de Bertran é uma síntese antropológica sobre o Centro-Oeste.

Quando ele irrompeu aquela tarde na minha sala sobraçando os dois grossos volumes com os originais desta *História da Terra e do Homem do Planalto Central* dizendo: "Paulo, aqui estão sete anos de pesquisa e investigação", pude aquilatar até onde vai a coragem e a obstinação do historiador Paulo Bertran. E asseguro que vai longe. Vai até 4 bilhões de anos atrás, ida-

de das mais antigas, do tempo em que o planeta Terra ainda usava fraldas, tempo de duração da ida-

de das terras que compreendem o Distrito Federal e adjacências, por onde Bertran iniciou o trabalho de revirar as origens da terra e do homem *cerratensis* e nos oferecer este vigoroso painel da formação do Planalto Central brasileiro.

Ele próprio revela que a pesquisa de sete anos foi maior do que o texto "escrito em 90 dias de

absoluta reclusão do autor, trabalhando no tema durante 14 horas por dia". A pretensão inicial era realizar uma obra com a metade das 314 páginas atuais cobrindo o dobro do tempo histórico que investiga. Bertran empolgou-se tanto que o livro resultou na inversão da proposta, fixando-se no Primeiro Século, o Século Colonial. Inevitável a indagação sobre um segundo volume desta mesma temática que ele próprio



LUIZ ESTEVÃO
(PMDB)

A antecipação do Festival de Cinema de Brasília deste ano para o mês de outubro vai permitir que as produções concorrentes ao troféu Candango também sejam avaliadas pelos jurados do IV Prêmio Luiz Estevão de Cultura. A festa de entrega do prêmio está marcada para o final de novembro, quando os jurados das dez categorias artísticas entregarão os seus relatórios, que trarão os nomes dos três finalistas e do vencedor de cada uma das categorias.



ADÃO XAVIER
(Sem Partido)

O Festival de Cinema de Brasília entrará este ano em sua 29ª edição e já faz parte da vida cultural da cidade. Durante sua realização podemos assistir a vários lançamentos de filmes que são feitos especialmente para serem apresentados no Festival. O troféu Candango trouxe vitalidade para o cinema nacional, e, a exemplo do que acontece em Gramado(RS), movimenta o mundo artístico e cultural de Brasília. Temos que incentivar a continuidade do Festival, que, a duras penas, tem se mantido como uma tradição que não pode morrer, sob pena de se apagar a fita da história brasileira.

se apressa em responder: "Inútil e contraproducente é exigir mais pressa; as chapadas formaram-se há apenas 60 milhões de anos e contemplam-nos majestosas, como a interrogar os Édipos *cerra-tensis*. Mares de tempos. Mares de chapadas". Com esta frase fecha-se a obra que deslumbra desde a primeira página pela vastidão da área coberta pela pesquisa e, sobretudo, pela segurança da investigação a que se exigiu o autor, capaz de percorrer pessoalmente fazendas, sítios arqueológicos e acidentes geográficos bem como as estradas atuais e antigas da região a fim de se certificar de fatos e relatos.

A visão macro da evolução das terras e das gentes é salpicada pela observação micro de fatos aparentemente desimportantes. Mas são eles que tornam a leitura uma viagem atraente.

NORDESTINOS

Na viagem à pré-história do Planalto Central Bertran refere-se aos achados arqueológicos de Formosa, onde as pinturas rupestres são em tudo semelhantes às que se encontram em Sete Cidades, no sertão do Piauí. Os sulistas com certeza ficarão de cara amarrada, mas Bertran como que provoca a conclusão de que o cabeça-chata que come buchada de bode na Feira da Ceilândia já percorria estas terras desde tempos imemoriais.

O relato permite, ainda, apontar origens de famílias, denominações de acidentes geográficos e realizações humanas. Jamais iria imaginar que

A Papuda recebeu esse nome em consequência da grande incidência de bócio nesta região.

Paranoá deriva de Paranaguá e que do tronco dos Guimarães surgiu o primeiro Presidente da Câmara Legislativa do DF, Salviano Guimarães. Na mesma linha, fica-se sabendo que a cadeia da Papuda recebeu tal nome em consequência da grande incidência de bócio nesta região afastada do mar, onde falta iodo, e a dona da fazenda onde se situa o presídio exibia farta papada que lhe garantiria a menção pelos anos seguintes.

BANDEIRANTES

A investigação de Paulo Bertran foi procurar o nascedouro da cobiça dos bandeirantes que esquadriharam estas terras até dizer chega e chegou à lenda da Lagoa Dourada e às esmeraldas de Sabarabuçu. Tempos heróicos e febris, quando se identifica a colonização iniciada pela pecuária e depois a mineração em larga escala. Neste trajeto, Bertran nos convida a "descobrir" o DF pela bandeira de Anhangüera II (o filho do Anhangüera), que alcançou as "Grandes Chapadas" existentes onde hoje se planta o assentamento da Guariroba ali perto de Ceilândia.

Em setembro de 1722 Bertran situa o primeiro registro de seca a assolar a região e hoje tão conhecida dos brasilienses. A

bandeira do Anhangüera II foi desfalcada em 40 homens extenuados pela secura do ar e pela fome. Anhangüera II chegou a comandar um assalto a uma aldeia de índios para conseguir um pouco de comida. No assalto, uma referência à medicina da época: um ferido foi tratado a urina, fumo e sangria. No dia seguinte estava plenamente recuperado. E Anhangüera II, que, fugindo a seus princípios, ergueu uma prece aos céus em súplica, conquistou do gentio o troféu formado por 200 mãos de milho, 25 batatais, além de araras, periquitos, cachorros, cabças e panelas de cerâmica. "Autenticamente, desta vez - ironiza o autor - ao vencedor as batatas."

No relato minucioso do esquadrihamento do Planalto Central (que valeu uma reclamação minha ao autor, ao encontrá-lo quando alcançava as primeiras 80 páginas mais enfadonhas da leitura), Paulo Bertran passa pela criação de Goiás Velho pelo Anhangüera e pela fundação de Pirenópolis, antiga Meia Ponte, agora já na rota do ouro por estes Goiazes de Deus. Menciona o contrabando do metal pelos baianos e o início sistemático da migração nordestina contra os "anhangüerinos". E



passa-se a saber que nossa querida Sobradinho já foi um dia rota do contrabando em demanda da Asa Norte...Tudo com o benelácito dos soldados.

POVOAMENTO

Banido da atual agricultura do Distrito Federal, o trigo já era cultivado aqui lá pelo final do século XVII, ao tempo em que se iniciava timidamente o povoamento do Planalto Central com a destinação das sesmarias e a formação dos arraiais nas regiões onde se situam hoje Sobradinho e Planaltina. Nesta viagem por dentro do tempo, somos levados às fazendas do contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira que, na folga dos seus afazeres, se desmanchava de dengo para as ancas de uma certa escrava Chica da Silva.

No exame da documentação da época, Bertran identifica nas terras ao norte de Formosa a sesmaria originadora de Itiquira, conhecida em 1700 apenas como "o Buraco", e parte para a formação de Pirenópolis, filha direta da mineração do ouro arrancado das minas goianas e tocantineses, toca nas origens portuguesa e paulista da população de Luziânia -

antigo Julgado de Santa Luzia, de onde o nome da atual sesmaria dos Roriz, cuja família, aliás, remonta a um certo Gabriel Fernandes, que desembarcou por ali nos idos de 1770. Naquela época, Santa Luzia nadava em ouro. Pedras desarrumadas e córregos escavados registram até hoje a fúria mineradora daqueles tempos auríferos. Daí para a frente, aliás, todo o relato de Bertran ressuma a ouro e sua descoberta. Sabe-se, por exemplo, que São Bartolomeu, o distrito assim batizado em homenagem ao Anhangüera I, Bartolomeu Bueno da Silva, deu origem ao sítio onde se situa hoje o Distrito Federal. E que o antigo rio Despenhado se tornaria o atual rio Descoberto, assim chamado a partir do dia em que ali se iniciou uma vigorosa mineração de ouro. O mesmo ouro que transformaria o antigo Ribeirão do Inferno - uma espécie de Serra Pelada da época - no atual Rio de Santa Maria na cidade-satélite do mesmo nome.

Deste mesmo tempo é a história do Coronel João Pereira Guimarães, considerado o maior empresário do Planalto. O velho Coronel já antevia o futuro da construção civil, tanto que foi ele o

construtor do famoso Rego d'Água de Saia Velha, que carregou a água fundamental à mineração, desde aquele monumento ao Corno, ali na estrada de Luziânia, até quase dentro da atual sesmaria de Joaquim Roriz.

OURO

Propositalmente ou porque o tema assim o exigia, Bertran debruça-se com atenção nos episódios da descoberta do ouro na região do Planalto Central. Um deles já teria passado ao território da lenda e menciona que o metal teria sido encontrado em Santo Antônio do Descoberto por um morador que foi lavar o bucho de um veado e encontrou lascas de ouro. Há quem conte a história mudando o bicho: o ouro teria sido encontrado pelo mesmo morador, mas no papo de uma perdiz.

Na pesquisa, o autor detém-se algum tempo em Paracatu, onde localiza seu primeiro "descobridor", o Padre Antônio Mendes Santiago, que em 1730 meteu-se "em todas as revoltas e sedições do rio São Francisco". Observa que durante algum tempo Paracatu prestou contas à Paróquia de Olinda, em Pernambuco. E de um salto alcança uma das

mais belas miragens com que historiadores e aventureiros deste Planalto Central já se depararam: o Roteiro do Ouro do Urbano, montanha aurífera tão rica, descoberta pelo português Urbano do Couto antes de 1750, que o metal poderia ser extraído da rocha a marretadas. De acordo com os documentos levantados por Paulo Bertran, o ouro do Urbano está nas imediações de Brasilinha, até hoje, aguardando a coragem e a determinação dos descobridores.

FORMOSA

A avidez com que os sabujos e áulicos de hoje acorrem aos aeroportos para receber as autoridades talvez tenha sido cultivada desde priscas eras, resultando numa das mais subalternas formas de se oferecer preito de devoção e fidelidade aos donos do poder. O antigo Arraial de Couros que daria lugar à Vila de Formosa da Imperatriz, hoje Formosa, foi palco de um acontecimento envolvendo o governador José de Almeida. Chegando no arraial no dia 15 de setembro de 1773, D. José encontrou clima de pouquíssima pompa, como transcreve Paulo Bertran: "... os juizes deste



CLAUDIO MONTEIRO
(PPS)

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é, sem dúvida, o mais antigo e tradicional do País. Afinal, são 29 anos de exibição de filmes, debates, manifestações artísticas e políticas. Felizmente, nos últimos anos o Festival cresceu e se expandiu para as cidades-satélites, permitindo o acesso de mais pessoas a esse tipo de evento. Aproveite a oportunidade para homenagear o público brasileiro, que, mesmo nos momentos mais difíceis, nunca deixou de ser o baluarte do cinema nacional.



ANTÔNIO CAFU
(PT)

A Polícia Federal e o Dentel calaram a voz de Pirenópolis ao fechar, pela segunda vez, a Rádio Jornal Meia Ponte, criada por Galeão e um coletivo de artistas. A rádio prestava excelente serviço comunitário e contava com o apoio de todos os segmentos da cidade. É lastimável que o Ministério das Comunicações ainda promova ações contra as rádios livres e comunitárias. Ao lacrar a emissora, o Dentel recorreu a um decreto de 1967, que alterou o artigo 70 do Código Brasileiro de Telecomunicações para considerar ilegais as rádios livres. Esse decreto caiu, mas o Governo FHC teima em ignorar o inciso IX do artigo 5º da nova Constituição.

julgado se descuidaram de assistir à entrada do S. Ex^a. neste arraial, de forma que não houve recebimento algum. Foi S.Ex^a. à igreja, ouviu missa de seu capelão e se recolheu à casa de sua aposentadoria". Esta profunda desatenção para com a autoridade desatou a ira do ouvidor - que inabilitou os juizes de Couros para qualquer cargo. E ainda os fez transportar a Vila Boa de Goiás - a antiga Capital de Goiás Velho - todos presos. Tomás de Souza, o cronista, não esconde sua própria sabujice ao completar o relato dizendo que eles se desculparam "muito humildemente", do que "atendeu S. Ex^a. em sua suma bondade, e os fez novamente habilitar para os lugares e cargos (...) advertindo-os de suas ignorâncias com muita brandura e amor".

Os puxa-sacos de hoje que se abalam para os aeroportos para segurar a pasta 007 da autoridade desembarcante bem sabem de onde provém o exemplo.

SANTA LUZIA

A área onde Juscelino chantaria a Capital do século XX era muito transitada desde a época da colonização. Bertran noticia que a área era cortada por viajantes vindos de Paracatu e outras paragens. Lá pelo meio, mais curiosidades: a área mais "florestada" de Brasília "era um córrego que vertia das alturas da 404/405 Norte buscando os fundos do campus da UnB". Quem sabe o tal córrego seja o mesmo que, entrando-se pela terra, foi brotar na altura da 212, lá onde hoje se formou o Parque Olhos d'Água?

O relato do St. Hilaire detalha a vida diária e critica a "preguiça" dos habitantes de Santa Luzia.

Além da menção aos rigores do clima, por ocasião da bandeira de Bartolomeu Bueno, o filho, Bertran faz uma revelação. Há registros de precipitação de neve na Chapada de Contagem, entre Sobradinho e Brazlândia, esta última um pouso de tropas desde o século XVIII! Mais adiante outra surpresa: pelo Tratado de Santo Ildefonso, que ratificava o de Madri (1750), o Planalto Central era metade espanhol, metade português. E a gente aqui, jurando que era goiano.

Se há alguma falha no precioso relato de Paulo Bertran talvez se situe na ausência de referências à moeda corrente - além do ouro em pó que era largamente usado nas transações comerciais - e alguma informação mais detalhada sobre os folguedos e lazer das populações planaltinas daquela época em que não havia o Beirute⁽¹⁾ nem o Gilberto Salomão⁽²⁾. Exceção é a transcrição de trechos de relatório do súdito austríaco Emannuel Pohl, viajante da primeira metade do século XIX que se refere rapidamente a jogos de cartas e música de viola. Quanto à atividade musical, mais adiante Bertran observa que Luziânia, Planaltina, Formosa e Corumbá foram todas grandes cultivadoras de boa música.

ca. Brasília, mesmo na ausência desta memória histórica, seguiu-lhes o exemplo com seus roqueiros e sinfônicos. Se faltam informações mais consistentes sobre folguedos e atividades de lazer, Bertran, entretanto, esmera-se na transcrição do relato de St. Hilaire, que detalha a vida diária mas critica a "preguiça" dos habitantes de Santa Luzia.

TESOUROS

Por último, merece atenção especial no livro o registro dos tesouros escondidos que continuam em estado de hibernação à espera de quem os acorde deste profundo sono da História. Só para aguçar a curiosidade e a cobiça do leitor, Paulo Bertran revela a pista de um deles, bastante recente, que com certeza vai merecer a atenção e a pesquisa de poetas e aventureiros. É o que dá notícia o intelectual Joaquim Gilberto: "... lenda muito repetida de se achar enterrado nas cabeceiras da vertente do córrego Maria Velha, na altura do quilômetro 46 da rodovia Brasília-Belo Horizonte, dois surrões de ouro em pó que constituíam a carga de uma mula que ali morrera.

(1) Um bar muito badalado em Brasília.

(2) Um centro de compras que reúne muitos jovens.

Folclore Candango

□ **Hilda Mendonça**

Brasília, já se disse, é a esquina de todos os brasis. Contrariando seus críticos, é um laboratório para estudiosos da cultura popular, verdadeira mostra do nosso povo. Aqui, do boi-bumbá, do Maranhão, ao carimbó, do Pará, as tradições folclóricas se encontram.

Afirma-se que Brasília, por ser uma cidade jovem, ainda não tem o seu próprio folclore, tomando o folclore como tradição popular.

Há de se notar, entretanto, que, sendo Brasília a Capital e por congregar brasileiros de todos os recantos do País, é um laboratório para estudiosos da cultura popular, verdadeira mostra do povo brasileiro.

A comunidade brasiliense é muito ciosa de suas origens e eventos como festas juninas, festas do milho, danças, músicas, comidas típicas, cancioneiros, literatura, mamulengos, bailados, estão sempre presentes nas escolas públicas e particulares.

O mês de junho é uma festa constante em que

professores, estudantes e a comunidade em geral se agregam, promovendo festas e se divertindo nas homenagens a Santo Antônio, São João e São Pedro e ainda costumam prolongar com as festas julinas, estas mais descaracterizadas que as primeiras.

O que diferencia as festas juninas de Brasília das do restante do País é que, em outras regiões, o religioso e o profano caminham paralelos, com reza do terço, o levantamento do mastro com a bandeira do santo e as quadrilhas, fogueiras, sortilégios, bailados.

Em Brasília a parte profana é mais evidenciada. A festa junina aqui mostra um pouco da fusão de culturas de regiões diferentes como, por exem-

plo, algumas quadrilhas em que podemos notar a mistura de quadros tanto da região Nordeste quanto da Sudeste e do Centro-Oeste numa mesma apresentação. Há ainda acréscimo de novos elementos como jogos, certas comidas, sem falar em algumas festas totalmente descaracterizadas da cultura popular brasileira, pois pode-se encontrar até banda de rock animando festa junina, priorizando, assim, a presença de jovens; mas o que predomina na música nessas festas é o forró nordestino e as músicas típicas do Sudeste.

Chegada da Folia em um pouso. Os participantes rezam o terço e cantam a catira pela noite a dentro





TADEU FILIPPELLI
(PMDB)

Quase todas as pessoas do Distrito Federal têm alguma coisa a ver com Pirenópolis. Poucos ainda não visitaram esta cidade, berço das maiores tradições religiosas e culturais do estado de Goiás. Quem ainda não ouviu falar das Cavalhadas de Pirenópolis e da Festa do Divino, onde o profano se harmoniza com o sagrado num conagração perfeito? Quem também não tirou uns dias de folga acampado às margens de seus rios ou hospedado em um de seus inúmeros hotéis ou estalagens? Seguramente poucos. O certo é que, mais cedo ou mais tarde, estas pessoas ainda conhecerão a fantástica Pirenópolis.



DANIEL MARQUES
(PMDB)

O Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília se tornou mais uma página na triste história de governos que assumem e renegam importantes iniciativas de governos anteriores.

Essa prática, tão nefasta e prejudicial, infelizmente atinge um dos mais importantes empreendimentos da história cultural de Brasília. Tão carente de incentivos nesta área, a capital da República tinha com o Pólo a grande oportunidade de desviar um pouco do eixo Rio-São Paulo a produção cultural, especificamente no contexto de cinema e vídeo. Perde a nossa cidade, que com frequência exporta talentos para outros centros. O Pólo de Cinema e Vídeo precisa ser retomado.



Folia de Nossa Senhora da Abadia, tradicional festa na zona rural de Boa Esperança (DF)

Em agosto, mês do folclore, Brasília, principalmente nas cidades-satélites, é o apogeu da cultura popular e é aqui que a escola tem desempenhado um papel importantíssimo, tendo em vista haver habitantes de todas as regiões brasileiras. A escola tem feito um trabalho de resgate, respeito e divulgação da cultura do povo brasileiro, porém muito mais ainda há de ser feito, considerando a diversidade dos habitantes de Brasília.

Este papel de resgate e divulgação tem ficado com aqueles diretores e professores entusiastas da nossa cultura, pois a Fundação Cultural muito pouco tem feito a este respeito.

Brasília é singular e como tal deve ser tratada. Há escolas da rede oficial, notadamente na cidade de Taguatinga, que têm se empenhado, ano após ano, nesse trabalho de respeito e preservação da cultura das várias regiões para que pais e alunos possam reviver as suas raízes. Há nessas escolas até competição entre os representantes de cada região, quer nas danças, nas comidas típi-

cas, quer na exposição de artesanatos regionais.

Assim é que, visitar uma dessas festas, é uma verdadeira aula de brasilidade, um conhecimento geral do que se cultiva em cada região. Tome-se como exemplo a Escola Classe 18 e Escola Classe 27 de Taguatinga, onde o visitante, numa festa folclórica, pode degustar o famoso pato no tucupi, o sorvete de cupuaçu, tambaqui na brasa, tacacá e maniçoba, da região Norte; vatapá, acarajé, sarapatel, a buchada de bode, carne-de-sol com mandioca e mané-pelado, da região Nordeste; uma galinhada, tutu, frango com quiabo, pão de queijo e feijoada, da região Sudeste; um arroz ou frango com pequi, licores diversos, gueiroba e empadões, da região Centro-Oeste, ou churrasco, massas diversas, cueca-virada, tortas e vinhos, da região Sul.

Ao lado de toda essa fusão de culturas, há dentro do Distrito Federal,

nas zonas rurais, tradições preservadas na sua pureza original, como o caso da Folia de Nossa Senhora da Abadia, na região denominada Boa Esperança, a mais ou menos 40 km do Plano Piloto, que é realizada com a mesma simplicidade e devoção de antes de se construir a Capital, sem sofrer nenhuma influência de modernidade.

Pelo exposto, pode-se afirmar que só se conhece um país através da cultura de seu povo e que, em Brasília, é possível se ter uma mostra significativa da nossa cultura popular; o brasileiro de qualquer região sabe apreciar uma apresentação do bumba-meu-boi, de uma dança sulista, uma catira goiana entre outras.

Os repentistas já mereceram até o seu espaço como a "Casa do Cantador" em Ceilândia. Que no futuro outras iniciativas desta natureza sejam tomadas, pois, como disse Coelho Neto: "Povo sem tradição é como árvore sem raiz".

Hilda Mendonça é escritora, pesquisadora da cultura popular brasileira; leciona Português e Literatura Brasileira no C.Ed. EIT em Taguatinga.

O Banquete Utópico de Eça de Queiroz

Perrone-96

O escritor português Eça de Queiroz refletia em seus textos uma ansiedade permanente: a de comer bem. Sentar em uma mesa, com as mais diversas e requintadas iguarias, era seu desejo oculto e inatingível: Eça era dispéptico, ou seja, praticamente não podia comer nada. Se não podia comer, matava seu apetite escrevendo sobre banquetes utópicos.

□ **Artur de Castro Borges**

O “Estado de Minas”, um dos melhores jornais do País, publicou recentemente, no seu Suplemento Feminino, com certo requinte, uma curiosa reportagem intitulada “Jantando com Eça de Queiroz”, trabalho de Anna Maria, que não sei quem seja, mas é uma ótima pesquisadora, porque, inclusive, “mata a cobra e mostra o pau”, ou seja, apresenta os nomes e os autores dos livros em que se baseou para escrever o original trabalho de pesquisa.

Duas são, porém, as objeções que oponho: 1ª) Eça, por causa do tempo

em que viveu e o meio em que conviveu, que era o diplomático, usava evidentemente não só muito mais da comida à francesa que da lusa, inclusive porque ao tempo era moda, era elegante, era “chic”, como se dizia e 2ª) é que Eça — pobre coitado, como se sabe — era dispéptico e desse modo não podia praticamente comer nada ... pois tudo lhe fazia mal.

A psicologia explica, inclusive, que há uma tendência enorme daquele que, por fás ou nefas, não pode comer, não pode saborear acepipes e, então, vive a sonhar, a

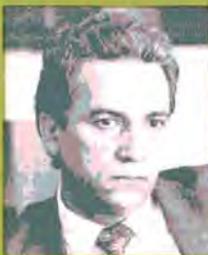
prelibar apenas em sonhos ou em desejos pratos e comidas com que nem pode sonhar de perto, pois, por vezes, até mesmo o perfume ou o cheiro lhe faz mal.

O pobre do Eça, exatamente por não poder comer direito, vivia compondo almoços e jantares em que seus personagens se deliciavam, e Anna Maria mostra que — muito embora Eça descrevesse seus banquetes — os mesmos não podem ser — de forma alguma — tidos como lusos, pois o não são nem nos nomes nem nas feitura, ao revés, tudo francês, como



MANOEL DE ANDRADE
(PMDB)

Um bocado da história do Centro-Oeste e, especificamente, de Goiás, está em Pirenópolis, cidade bem pertinho de Brasília. Passar um final de semana por lá, no mínimo que seja, é a oportunidade de manter contato direto com a cultura, a fauna e a flora da região Centro-Oeste. Nas Cavalhadas da Festa do Divino, nas pedras, na arquitetura, nas cachoeiras e nas matas estão expressos anos e anos do nosso povo. Estar em Pirenópolis é ter a certeza de grandes momentos de aprendizado e lazer.



GERALDO MAGELA
(PT)

Às vésperas de mais uma edição do Festival de Cinema de Brasília, aumenta minha certeza de que esse evento já se consagrou como um dos mais importantes do País, ao lado do realizado em Gramado (RS). É mais uma das vocações de nossa capital - abrigo de artistas e pensadores da cultura -, que toma, a cada ano, proporções de pólo literário e cinematográfico. Como prova, as produções que estão em desenvolvimento em Brasília, com verdadeiras parcerias com Rio e São Paulo, traduzidas nos encontros de atores locais e de outros estados nas filmagens que hoje são realizadas aqui.

anotou também o Embaixador Castro Alves, que brilhou em Lisboa como representante diplomático brasileiro, mas nunca se esqueceu da literatura boa de ambos os países, a ponto de escrever o "Dicionário Gastronômico Cultural de Eça de Queiroz", onde começa por explicar, com certa profundidade, o que é "menu".

Para Eça eram tudo "huitres", "hors d'oeuvre", "potages", "poisson", "entrées", "glaces", "desserts" e "vins". A "Seleções do Readers Digest", que

é americana, publicou, há alguns anos, "Tesouros da Cozinha Tradicional Portuguesa", de autoria de José Eduardo Mendes Ferrão, Maria Emília Cancela de Abreu, Francisco de Andrade Roque de Pinho e ainda Lopo Cancela de Abreu.

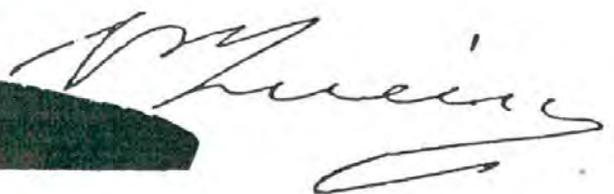
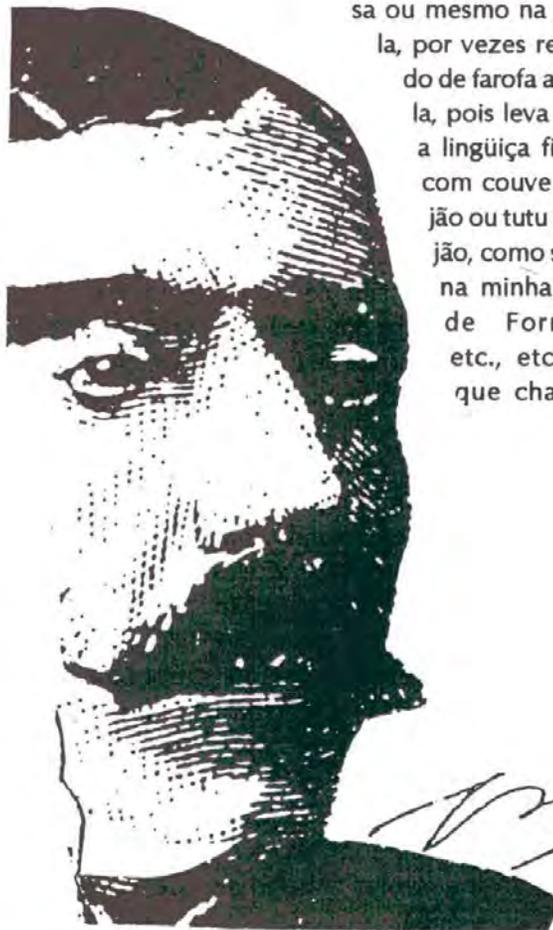
Sempre sustentei que não há nada mais igual à cozinha portuguesa do que a nossa, a minha, a mineira, parecendo que as Alterosas são uma continuação, já que ali o que aparece é, sempre, o leiteiro assado, que se apresenta com o tradicional limão na boca, rodeado de folhas de alface, etc.; o franguinho assado na brasa ou mesmo na panela, por vezes recheado de farofa amarela, pois leva ovos; a lingüiça fininha com couve e feijão ou tutu de feijão, como se usa na minha terra de Formiga; etc., etc. e o que chamam

de "buchinho" em Minas, aparece, por exemplo, no Porto como tripas à moda portuguesa.

As sobremesas mineiras são, em muitos pontos, idênticas às lusas, como é o caso dos quindins, da mãe-benta, dos quebra-quebra; e se os nomes "pastéis de Santa Clara" e "toicinho do céu", são pouco usados lá nas minhas montanhas, em compensação são muito comuns a queijadinha, que se vende nas toiradas à assistência, e os vários tipos de bolinho feitos de fubá ou de arroz.

O que o Brasil tem, por vezes, a mais que a cozinha lusa veio da África e se baseia no quiabo, por exemplo, e daí o enriquecimento da cozinha baiana, que recebeu larga e forte influência afro, em face não só da proximidade entre os dois como da atração natural que a mineração e a criação exerceram.

Que Deus nos permita, por muitos anos, mesmo não escrevendo sobre banquetes, banquetearmos com pelo menos os banquetes do Eça, mas, de verdade, molhando a boca e o bico, e nada de somente... bico de pena.





Guimarães Rosa: sexo e paixão

□ Carlos Alberto Abel

"Diadorim é minha neblina". A frase é de Riobaldo, personagem do livro "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. São metáforas como estas que, na opinião do professor de Literatura Brasileira, Carlos Alberto Abel, da Universidade de Brasília, permitem uma abordagem sexual sobre a obra do grande escritor mineiro.

Grande Sertão: Veredas, o grande romance de João Guimarães Rosa, é uma escritura relativa a uma determinada região norte de Minas Gerais, sudeste da Bahia e leste de Goiás, o sertão; relativa a um determinado tempo histórico, por volta de 1917; relativa a um determinado povo: os jagunços; os camponeses; os latifundiários e seus prepostos; os chefes dos bandos; solda-

dos, representantes do poder central. Um reflexo da realidade. Um romance realista.

Aparece a figura de um escritor *sui generis*, não aquele que escreve, mas o que narra, Riobaldo; e aquela do escrevente, o que escreve o que lhe ditam, o interlocutor. Como vemos, claramente, na fala de Riobaldo: "O senhor escreva no caderno...".

Esse interlocutor é a

pessoa culta, a que veio de longe, estranha ao sertão, e, talvez, por isso, Riobaldo lhe fale de toda a sua vida passada. Narra, usando a linguagem usual, do dia-a-dia, sem nenhuma elucubração intelectual, num fluxo contínuo, derramado, obediente apenas ao encadeamento de suas lembranças, de sua memória.

O discurso de Riobaldo é vivo, vívido, tende ao dialogismo, tende a valorizar o contexto e a situação que envolve os personagens, situação social, política, ideológica e as circunstâncias vividas pelos personagens.

Para mim, o relato de Riobaldo é uma catarse, uma purgação. Evoca os acontecimentos passados com um clímax traumático, patético, a morte de Diadorim, morte pela qual se culpa, e, com isso,



PENIEL PACHECO
(PSDB)

Filmes baseados na boa literatura geralmente resultam em grande sucesso de bilheteria. É o que se tem observado ao longo dos anos, inclusive em relação ao cinema brasileiro, que, depois de um período de obscurantismo, começa a renascer. Agora, que se aproxima a realização de mais Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, incentivador da nossa produção cinematográfica, fica para o espectador a esperança de ver na tela os resultados desse renascimento. Vale ressaltar que fitas históricas, inclusive com temas bíblicos, têm boas platéias e foram responsáveis por grandes bilheterias, mesmo sem apelar para os palavões e a pornografia.



LÚCIA CARVALHO
(PT)

O 29º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro oferecerá quatro novos prêmios aos filmes participantes. Este será o resultado de parcerias que o Governo Democrático e Popular firmou com entidades como a UNESCO, que premiará nossos jovens cineastas, e a ANDI, que instituiu um prêmio destinado ao filme que apresentar significativa contribuição para o debate dos problemas que atingem a infância e a adolescência no Brasil, como a prostituição infantil. Por isso, será de extrema importância que nossos cineastas se empenhem em trazer aos espectadores discussões e debates voltados para temas tão polêmicos.

pela assunção do ato acusatório, alcançar a sua remissão.

No seu exercício narrativo, sentimos que lhe interessa, que lhe é primordial, a compreensão dos fatos, o porquê de chegar àquela perda, perda do seu grande amor. Tudo o que diz e fala levamos a sentir, no narrador, a perda do objeto amado.

O que quer Riobaldo? Entender o que se passou, achar a chave de sua vida, julgar-se como juiz e júri, pois o interlocutor nada lhe pode adiantar, pois sabe menos do que ele. Se bem que, por vezes, usando a ironia socrática, coloca o interlocutor como um indivíduo que sabe das coisas do sertão, acontecidas e por acontecer, enquanto ele, viverdor de tudo, coloca-se, em determinadas situações, como um neófito contador de estórias.

Dentro de sua técnica, Riobaldo intercala a rememoração de sua travessia, com episódios que, obviamente, não estão soltos, pois necessários ao iluminar das ações do protagonista: Aleixo e sua maldade, matador de um velhinho, o castigo de seus quatro filhos; das maldades de Pedro Pindó e de sua mulher, perpetradas contra o filho Valtê; o assassinato de Rudugério de Freitas por seus filhos; o de Maria Mutema, a que matou o marido e provocou a morte do Padre Ponte. Podemos separá-los do corpo da narrativa e dar-lhes vida independente do texto, quase contos. Mas, em todos, aparece um dos arquétipos incrustados no povo, o de que aquele que comete uma má ação ou um pecado será castigado, ou ele mesmo, ou um ser que ele ama. Como diz Compadre Quelemém, o guia espiritual de Riobaldo, quem aqui sofre, sofre, porque,

em uma outra vida, fez alguém sofrer.

A posição política do narrador reflete-se no texto. O narrador é alguém que tem uma vida dentro da sociedade, daquele mundo imaginário, mas um mundo imaginário calcado no empírico, que reflete a ideologia do poder dominante, no caso de Riobaldo, aceitando-a, nunca lutando contra ela. As contradições verificadas no processo político aparecem minoradas, porque esse é o pensar do narrador.

Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com pais de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente — dá susto sem saber — e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons... De sorte que carece de se escolher; ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só. Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; ou para outras coisas não fui parido. Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta.

E essa aceitação da dor, como provação provocada por ações passadas das pessoas, é algo de fundo religioso que, na verdade, acoberta toda uma ideologia de dominação do poder, no sistema capitalista. Poder do latifúndio que era assim em 1917 e continua da mesma maneira hoje, em 1996.

Não vemos, em nenhum momento, um gesto seu de repúdio ao analfabetismo do povo. Aceita o mandonismo local, tanto o dos fazendeiros quanto o dos chefes dos bandos. A pobreza é ig-

norada pelo herdeiro de Selorico Mendes.

Dentro desse diapasão do crime e castigo, assistimos ao pretendido pacto de Riobaldo com o diabo, levando-o à vitória contra o demônio Hermógenes, mas, em contrapartida, à perda de Diadorim, seu grande amor.

No caso de Nhô Constâncio, do homenzinho-da-égua e do cachorro, vemos estampado o despreparo de Riobaldo para a maldade gratuita, da perversidade do homem da guerra e, também, da pusilanimidade do jagunço, que aprova o que o chefe quer ver aprovado. Seus comandados consideram suas ações superiores à artimanha de Zé Bebelo e à justiça de Medeiro Vaz.

Antônio Cândido já nos lembrou que *Grande Sertão: Veredas* tem três elementos estruturais que também apóiam a composição de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O tripé: a terra, o homem, a luta. Mas o grande crítico paulista observa que Euclides constata, para explicar, e Rosa inventa, a fim de sugerir. Obviamente, acrescento, acacianamente, que isto acontece, porque um é uma reportagem de um massacre, de um genocídio do poder central republicano; e o outro, uma ficção, um reflexo da realidade, daquela realidade crua que repele o poder central, emanado da República.

O que faz a unidade desse romance? O amor de Riobaldo por Diadorim — esse, o elemento básico.

As doutrinas religiosas judaico-cristãs condenam a homossexualidade. A Bíblia nos diz: *“Se um homem se deita com um homem como se deita com uma mulher, cometem ambos uma abominação;*

serão condenados à morte". O Livro Sagrado esqueceu-se da homossexualidade feminina — o lesbianismo, o safismo.

A homossexualidade sempre foi considerada um crime, uma doença, um desvio, uma aberração. Desde os albos da cristandade, os homossexuais foram condenados à decapitação ou ao enforcamento ou à fogueira. A igreja deu o exemplo executando o bispo de Waterford, John Atherton, em Dublin, em 5 de outubro de 1640, por delito de sodomia.

A reprovação popular, considerando-os como malditos, levava-os a praticar sua sexualidade dentro do maior segredo.

Na literatura mundial, mais próxima de nós, há casos de famosos escritores sodomitas, de uranistas, como Walt Whitman, Oscar Wilde, Marcel Proust, André Gide, Jean Cocteau, Jean Genet, William Burroughs e outros mais que deixarei de citar, por não ser este artigo um inventário da homossexualidade.

Logicamente, antes que aconteça, não estou fazendo qualquer ilação com relação à sexualidade de João Guimarães Rosa. Estou colocando a par daqueles grandes criadores um personagem homossexual, criado pelo genial escritor mineiro.

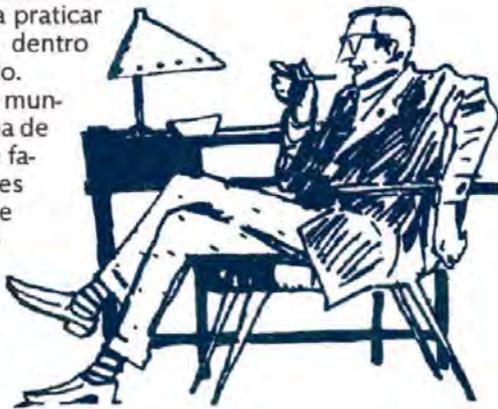
O ano de 1951 marca uma reversão nessa atitude social, quando aparece a revista *One*, que se opunha ao opróbrio que envolvia a homossexualidade. Essa atitude dos homossexuais alcança Nova Iorque em 1967. Nessa grande cidade, assumiu o nome de *liberation gay*. Em Paris, ainda em 1951, tivemos a *Arcadie*, movimento homossexual masculino, lutando pela emancipação dos seus adeptos.

A partir daí, tivemos a *gay life*, o *gay power*, a *gay culture*, e as associações de classe como a "Gay Activist Alliance".

O romance *Grande Sertão: Veredas* é de 1956. Como escreveu Renard Perez: "O romance tem como fulcro a estória do proibido amor de Riobaldo por Diadorim".

Um romance onde o amor homossexual não é vulgar, e, sim, eivado de lirismo, transbordante de suas páginas.

Devemos reconhecer



que se a pulsão sexual não cumpriu seu curso não foi por culpa de Riobaldo e sim pelas atitudes de defesa de Reinaldo. Os impulsos de Riobaldo foram reprimidos por Diadorim.

A atração sexual não se completa, porque Diadorim não quer. Por Riobaldo o ato homossexual teria saído da intenção para o fato: *Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas quando ia, bobamente, ele me olhou — os olhos não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam*".

Mesmo com a negativa, negativa dos olhos, não dos sentidos, Riobaldo recuou, mas isso não foi um ato de sua vontade... *com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim — que não era de verdade*".

Para reforçar essa

assertiva, recordemo-nos de que, pouco antes de chegar ao Paredão, no meio da mata, *"céu encoberto, ensombrado"*, conversando o casal de apaixonados, Riobaldo descuidou-se e falou: *"... Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espionar a cor de seus olhos..."* Disse-o como *"estivesse pensando"*. Diadorim assustou-se: *"O senhor não fala sério!"* Riobaldo disfarça, diz-lhe que não queria ofendê-lo, tinha sido *"brinca de zombarias"*. Novamente, Riobaldo, arriscando-se pela concretização de seu amor, e Diadorim, recuando.

O amor de Riobaldo por Diadorim é correspondido. De um lado, o interdito social da homossexualidade, do outro, o afastamento, apesar do desejo, causado pela situação da ocultação do sexo, um amor heterossexual.

A descrição de Diadorim, que é respingada por toda a narrativa, demonstra todo o carinho de Riobaldo: as mãos que seguram as rédeas *"tão brancamente"*, *"mão bonita, macia e quente"*; os braços bem feitos, alvos, a cintura fina; o passo curto, *"as pestanas compridas, os moços olhos"*; *"a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho"*; *"um ar quase de meninozinho em suas miúdas feições"*; *"pé de salão"*; *"um bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes"*; *"respirava, como era com a boca tão cheirosa"*.

Adianta-nos traços femininos de Diadorim, quando o narrador assevera que, às vezes, lavava a roupa, mas quem fazia *"mais isso era Diadorim"*, porque *"praticava com mais jeito, mão melhor"*. Dentro da divisão do trabalho doméstico, quando acontece, a lavagem de roupa é uma tarefa feminina.

Diadorim tinha uma capanga com labores e três botõezinhos de abotoar, onde *"guardava tesoura, tesourinha, pente, espelho, sabão verde, pincel e nava-*

lha". Passado algum tempo, *"Reinaldo mesmo, no mais tempo, comprou de alguém uma outra navalha e pincel, me deu, naquela dita capanga"*. Confessa que, às vezes, tinha vergonha de que o vissem com a *"peça bordada e historiana"*.

Diadorim, para tomar banho, só o fazia *"sozinho no escuro"*, no *"sinal da madrugada"*. Na época, Riobaldo pensava que era credence, procedimento esquisito, dos *"corbujados, sujeitos de corpo-fechado"*.

Diadorim normalmente dormia ao relento, logicamente tinha de haver conseqüências, *"a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas das mutucas"*.

Quando Otacília e Diadorim se vêem pela primeira vez, a aversão se instala. Otacília não gostou de Diadorim; Diadorim sentiu ódio. Aflora o ciúme. Chega a ameaçá-lo de morte.

Depois do episódio do velho-da-égua, Riobaldo soube que Diadorim mandara um recado para uma mulher, à sua noiva Otacília. O *"amor dele por mim era de todo quilate: ele não tartameava de ciúme nem de medo"*. Pedira que Otacília rezasse por ele.

Riobaldo resolve presentear o amigo com uma pedra de safira. Diadorim recusa. Manda que a guardasse, até que chegasse a vingança de Joca Ramiro. Nesse dia, aceitaria. Riobaldo convidou-o a deixar a jagunçagem. Diadorim perguntou-lhe qual o seu temor. Diz-lhe que vá ao encontro de Otacília e dê-lhe a jóia. Presente de noivado. Ou desse para Nhorinhá, a prostituta.

Diadorim acrescenta que Riobaldo e Otacília casariam, com vestido de noiva, depois ela viveria o papel de esposa, tomando conta da casa e dos filhos, de camisola de filó, de *"vestido novo de molmol"*. Riobaldo sente estranheza nas palavras de Diadorim, mas, na ocasião, não alcançou o porquê.



RENATO RAINHA
(PL)

Brasília se transformará no mês de outubro na capital brasileira do cinema. Com a realização da 29ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, todas as atenções do cenário artístico nacional estarão voltadas para nossa cidade. Cada vez mais devemos valorizar os eventos culturais como o Festival, que, além de revelar novos talentos e consagrar grandes atores, diretores e cineastas do nosso cinema, projetam de maneira positiva e grandiosa o nome de Brasília em âmbito nacional.



ODILON AIRES
(PMDB)

Falar em Pirenópolis é falar de opção de vida. A vida em Pirenópolis nasce compromissada com liberdade, alegria, tranquilidade, segurança, trabalho, amizade, respeito e tradição. A cidade virou um dos pontos turísticos mais disputados do Planalto Central, seja pelas suas tradições culturais e históricas seja por sua riqueza natural. Sua arquitetura, culinária, hospitalidade, sua gente e seu folclore são um convite para um fim de semana de tranquilidade. O potencial da cidade é grande, e pode ser um instrumento fundamental de desenvolvimento do turismo da região Centro-Oeste.

O que sente o leitor? Diadorim não falava de Riobaldo e Otacília, e, sim, dela com o amado, o amor de sua vida.

A mulher, na nossa sociedade cidadina, preconceituosa e machista, dificilmente assume o direito de ser sujeito de seu destino. Diadorim consegue-o na sociedade do sertão do início do século. Uma situação singularíssima... Assume a função do anjo vingador, torna-se a missão de sua vida a procura e a destruição de Hermógenes, o assassino de seu pai. E essa missão leva-o até a postergar a declaração do amor sentido por Riobaldo.

Diadorim, em sobra de amor, foi que me perguntou aquilo:

— “Riobaldo, tu achas que, uma coisa mal principiada, algum dia pode que terá bom fim feliz?”.

Uma das metáforas mais lindas de *Grande Sertão: Veredas* — “Diadorim é minha neblina”. No Velho Testamento, no Gênesis (2-6), lê-se: “Não havia homem que cultivasse o solo, mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo”. Interpretando-se a travessia de Riobaldo, constatamos que Diadorim é quem o fecundava, na medida em que fazia com que ele caminhasse, continuasse na faina da perseguição daquele que a privava do amor de seu pai. O comportamento de Diadorim e de Riobaldo lembra-nos Bentinho e Escobar, uns e outros observados pelos circunstantes, uns, pelos colegas de internato, os outros, pelos companheiros jagunços. Com uma grande diferença: os dois adolescentes, o padre avisa-os de que todos já haviam notado que estavam sempre juntos e apartados dos demais;

dos dois jagunços, Riobaldo recorda: “De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo — podia morrer”.

Não há como negar o caso de amor declarado de Riobaldo e de Diadorim. Amor homossexual de Riobaldo; amor heterossexual de Reinaldo, de Diadorim, de Diadorina.

Riobaldo amara Reinaldo. Vemo-lo pelas palavras do narrador, pensadas pelo tempo. Relata o fato a um estranho, apesar de antes o haver feito ao Compadre Quelemém. Se bem que, pelo modo encontrado, para rememorar os acontecimentos, fica-me a dúvida de que ele houvesse relatado o seu amor por Diadorim — um amor condenado...

Mas, por fim, eu tomei coragem, e tudo perguntei:

— “O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!”

Tudo indica que somente se reportou ao pacto com Demo... nada de Diadorim... nada do amor dele por outro homem. Seria muito dificultoso o relato do caso a uma pessoa do lugar, a um seu igual, o que aconteceria, após, com o interlocutor.

A palavra mágica “amor” já aparece no início do romance:

... o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dummodo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retórica a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar

Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre.

Riobaldo tem raiva de si mesmo, por ter aquele sentimento por Reinaldo. Queria gostar honradamente. Não podia...!

Riobaldo põe para correr um leproso. Avista Diadorim mais belo que nunca. Os olhos verdes “cresciam sem eira nem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto”. Viu nele a imagem de Nossa Senhora da Abadia. “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, modo em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?”.

O desejo era tanto, o complexo de culpa era tamanho, que até pensou na mágica do arco-íris: “Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris”. A sonhice, o sonho serve de alívio para a vida consciente, para os impulsos reprimidos durante o dia... faz emergir problemas e dá-nos soluções.

O que faz o sonho de Riobaldo? Sugere uma solução para aquele amor irrealizado: Diadorim passar debaixo de um arco-íris, porque, segundo a credence popular, Reinaldo mudaria de sexo.

O desejo vinha e era refutado. Era um vir-a-vir negado quase todo o tempo. Otacília — a mulher — a ligação honesta, legal. Diadorim? “De Diadorim eu devia de conservar um nojo.” E a trágica pergunta imediata? “De mim, ou dele?”.

Ainda no simbolismo dos metais nobres, aparece a valoração de seus dois amores: “Meu amor de prata [Otacília] e meu amor de ouro [Diadorim]”. O ouro é o mais precioso dos metais — o metal perfeito. Caráter ígneo, solar, real, até divi-

no, mas ativo, macho. A prata relaciona-se com a lua, princípio feminino.

Riobaldo coloca os dois amores de sua vida, relaciona-os, um dentro do princípio feminino, o outro, do masculino.

Quando Reinaldo lhe revela seu verdadeiro nome, Diadorim, Riobaldo repetiu "com uma força de afeição": "Diadorim... Diadorim!" Sim, Diadorim lhe dava a sua amizade, e "amizade dada é amor".

Uma das cenas onde a pulsão sexual fica ainda mais patente: Diadorim estava deitado e levanta-se: "... fui e me deitei no mesmo dito pelego, na cama que ele Diadorim marcava no capim, mina cara posta no próprio lugar".

De vez em quando, em volta das fogueiras, das "olhas de arapavaca", para "extraviar as mutucas", Pitôlo, "cabra destemido", contava casos de amor. "Diadorim às vezes gostava." Pitôlo falava, mas Riobaldo "tinha súbitas outras vontades, de passar de vagar a mão na pele branca do corpo de Diadorim, que era um escondido". E Otacília? "No escasso, pensei."

Num rancho da borda-damata, Riobaldo experimenta o sentimento do amor:

"Aquele lugar, o ar. Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim — de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade. Me a mim, foi de repente, que aquilo se esclareceu: falei comigo. Não tive assombro, não achei ruim, não me provei — na hora. Melhor alembro".

O ar é um dos quatro elementos, os outros, a terra, a água e o fogo, fazem parte das cosmogonias de todos os povos. O ar é também um elemento ativo. A intermediação entre o céu e a terra, elementos passivos. Guimarães Rosa não escreve nada aleatoriamente. Tudo, calculado, medido, significando sempre. Metafori-

camente, o ar, ativo, ligando os dos platônicos amantes, passivos, Riobaldo e Diadorim. O ar, a ambiência, levando à revelação do "amor mesmo amor".

Revelado o amor, não se reprova... "na hora", no momento do reconhecimento, na passagem da ignorância ao conhecimento.

Algumas vezes, pensava que aquele Diadorim amado era inventado. Um dia, desesperado, pensa até em se matar — "por lei do rei" não pode admitir aquele amor. Ou fugia, largava tudo, "fazia todas as estradas". Imaginava que Diadorim, duramente, lhe dizia: "Nego que gosto de você, no mal. Gosto mas só como amigo!..." E, a partir daí, muitas vezes, repetiu essas inventadas palavras de Diadorim. Mas sabia que "como se obedecer do amor não fosse sempre o contrário..."

A terminação do período por um ponto de exclamação dá-nos uma afirmativa peremptória, uma negação de amor. Contudo volta-se de novo à ambigüidade com as reticências, uma suspensão do pensamento, que elimina a determinação e restabelece a dúvida, ou mesmo, até a negação do pensado e a afirmação do amor!...

Quando se encaminhavam ao ataque à fazenda de Hermógenes,

... Diadorim, em sombra, de amor, foi que me perguntou aquilo: — "Riobaldo, tu achasses que, uma coisa mal principiada, algum dia pode que terá bom fim feliz?".

Riobaldo não entende a pergunta. Pensou que Diadorim estivesse referindo-se a Medeiro Vaz. Não entendeu que estavam descontraídos, para seu castigo: "Hoje, eu sei; isto é: padeci". E o mais trágico? O hoje, depois de tudo passado, quando nada mais havia a fazer, para remediar todo o mal causado.

Dias depois, novamente, Diadorim fala-lhe por meias

palavras, e Riobaldo, mais uma vez, não entende:

— "Riobaldo, escuta: vamos na estreitez deste passo..." — ele disse; e de medo tremia, que era de amor — hoje sei.

— "Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e reflete, um segundo, uma coisa vou contar a você..."

Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvei, mas mentindo. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade.

Esse foi o grande drama de Riobaldo. Não desentendia metade, desentendia tudo... Só compreendeu tudo depois de Diadorim morta. Diadorim e Hermógenes, na luta sem quartel, matam-se.

A mulher de Hermógenes chama a si a tarefa de preparar o corpo "daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes". Sim, "carecia de se lavar e vestir o corpo". Diadorim, "nu de todo", e a mulher disse: — "A Deus dada. Pobrezinha..."

Nesse instante, Riobaldo conheceu que "Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d'arma, de coronha..."

Riobaldo descobriu a verdade, desvendou o segredo.

Aqui a estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba.

Tudo acabado, porque o romance tem como drama principal o amor irrealizado, homossexual de Riobaldo e Diadorim. Os outros dramas são secundários, como o da travessia de Riobaldo na procura do autoconhecimento, ou do mistério do pactário, colocando-o entre Deus e o Diabo.

Morta Diadorim, Riobaldo abandona a jagunçagem. Procura o rastro de Diadorim, encontra-o na matriz de Itacambira, registrada "em 11 de setembro

da área de 1800 e tantos": Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins.

A tristeza acompanhava-o, "não tinha competência de querer viver" e "saudades dele", dele não dela, não lhe dava "repouso".

O amor de Riobaldo e de Diadorim tinha toda uma condimentação homossexual manifesta. Como já constatamos, não chegando ao ato sexual pelo negaceio de Diadorim.

Qual a importância dessa colocação? Penso que se aprofundarmos a leitura de uma obra, se mergulharmos nos seus meandros, nos seus labirintos, teremos mais condição de usufruir de toda a sua beleza estética. Amamos mais o que conhecemos, o clarificado, o claro. Qual a importância desse estudo temático? É fundamental, quando vemos um escritor do porte de Guimarães Rosa abordá-lo tão abertamente. Considerando-se o seu papel social, de homem do sistema de poder, de funcionário da mais alta categoria do Ministério das Relações Exteriores, de oficial da Polícia Militar, de médico, tudo isso leva-nos a dizer que Grande Sertão: Veredas é um marco dentro da literatura brasileira e mundial, pois trata de um assunto tabu com lirismo e criatividade.

Logicamente, para que isto acontecesse, temos de lembrar que o ambiente literário, na época do lançamento da obra, já permitia que tal homem publicasse tal romance.

Riobaldo e Diadorim são a prova irrefutável de que a sexualidade continua um vasto enigma. Obviamente, Guimarães Rosa não se propõe a nos apontar soluções, e, sim, a escrever sobre o drama da homossexualidade, ainda um problema, com mestria e excelência.

Carlos Alberto Abel é escritor e professor de Literatura Brasileira da UnB.



EDIMAR PIRENEUS
(PMDB)

O ciclo da mineração deixou uma herança preciosa para a nossa região - a bela e histórica Pirenópolis. Redescoberta na década de setenta pelas comunidades alternativas, que ali buscavam paz e energia, a cidade, com suas festas e tradições culturais, como a Festa do Divino Espírito Santo, acabou se transformando em uma das mais importantes atrações turísticas do Planalto Central. Mais do que um patrimônio histórico, Pirenópolis é um exemplo de que a cultura, quando incentivada, é, também, fonte de renda e geração de empregos para a nossa população.



BENÍCIO TAVARES
(PMDB)

A recente safra cinematográfica produzida na cidade, que certamente vai revitalizar o Festival de Brasília, é consequência de investimentos realizados no passado, como o Pólo de Cinema e Vídeo. É preciso destacar que resultados positivos obtidos agora, como a animadora produção de curtas e longas-metragens por cineastas, diretores e roteiristas locais, são fruto de projetos iniciados há alguns anos e que começam a entrar em um período de maturação. O Pólo, lançado há quatro anos, é uma proposta vitoriosa. Mas é preciso lembrar que a idéia, antes considerada polêmica, desnecessária e utópica, vingou.



Margarette Cássia

O fascínio e os mistérios de Adalgisa

Danilo Gomes

Ana Arruda Callado (casada com Antônio Callado) está escrevendo uma biografia de Adalgisa Nery. Mas, espere aí, você sabe quem foi Adalgisa Nery? Só se tiver mais de quarenta anos... Ainda assim...

Porque ela ficou esquecida depois de sua morte, ocorrida há cerca de vinte anos. Foi romancista e poetisa. Nasceu no Rio de Janeiro em 1905. Aos quinze anos, casou-se com o pintor Ismael Nery, que a imortalizou em

seus quadros. Viúva, casou-se com Lourival Fontes, o poderoso diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famigerado DIP, da época da ditadura Vargas. Foi deputada federal por duas vezes, pelo Partido

Socialista. Em 1969, teve o mandato cassado.

Quando Rita Hayworth interpretou "Gilda", dizia-se: "Nunca houve uma mulher como Gilda..." Os inumeráveis fãs de Adalgisa Nery também proclamavam, em êxtase: "Nunca houve uma mulher como Adalgisa...". Tal era o fascínio que exercia sua presença. Mulher bonita, dinâmica, elegante com seus chapéus e vestidos alinhados, inteligente, carismática, um sorriso encantador. Quando ficou viúva de Ismael Nery, "choveram" pedidos de casamento. Dentre os pretendentes, o poeta Murilo Mendes. Sua casa era freqüentada por Murilo Mendes, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Álvaro Moreyra, Cândido Portinari e outras célebres figuras do mundo das artes. Jorge de Lima era seu admirador incondicional. Órfã de mãe ainda na infância mais tenra e às voltas com uma madrastra detestada, Adalgisa levou para a literatura uma fremeante angústia, uma solidão sem fim, um desacerto com o mundo. Isso refletiu-se em sua poesia e em sua ficção, notadamente no romance mais famoso, "A imaginária", tido por Elsie Lessa como uma "dolorida experiência humana". Deixou também "Poemas", "A Mulher Ausente", "Ar do Deserto", "Cantos da Angústia", "As Fronteiras da Quarta Dimensão", "Erosão", "Og", "Mundos Oscilantes" e "Neblina".

Correu mundo. Morou em Nova Iorque. Morou no México, quando Lourival Fontes foi nomeado nosso embaixador naquele país —



ali, tornou-se amiga de artistas plásticos como Rivera, Orosco e Siqueros. Seu intercâmbio cultural com o México valeu-lhe a Águia Asteca, condecoração nunca antes concedida a uma mulher. Viajou longamente pela Europa. Em Paris, o editor Pierre Seghers publicou uma coletânea de seus poemas, sob o título de "Au-Delà de Toi", em 1953.

Mulher carismática, presença marcante, de um brilho excepcional na nossa vida cultural, Adalgisa Nery começou a definhar quando seu mandato foi cassado. Sentindo-se injustiçada, entrou em depressão. Ela, que havia trabalhado na Caixa Econômica e no Conselho de Comércio Exterior e tinha sido uma musa na roda de escritores da Livraria José Olympio, na Rua do Ouvidor, deixou de lado a literatura. Flávio Cavalcanti foi buscá-la para ser jurada em seu apreciado programa de TV. Mas a estrela declinava, amargurada. Tinha vocação para a solidão. No seu romance "Neblina" ela fala em solidão-luz. Iria mergulhar novamente nessa solidão, agora já sem tanta luz. Nem os dois filhos, de seu casamento com o pintor Ismael Nery, conseguiram impedi-la de vender tudo — jóias, um apartamento e outros bens e se internar num asilo. Veio então um acidente vascular cerebral. E a voz, que encantava a todos, se foi para sempre. A estrela, finalmente, se apagou. Só agora sua luz volta até nós, nas páginas do livro que Ana Arruda Callado pretende publicar pela Rioarte. Desde já, candidato-me a leitor dessa biografia imperdível.



MIQUÉIAS PAZ
(PC do B)

Mesmo com as poucas produções já realizadas no DF, o nosso Pólo Cinematográfico ainda é um imenso e belo espaço ocioso. Sem instalações que o justifiquem, o Pólo corre o risco de se tornar parque ecológico.

É necessário incentivar as produtoras de vídeo e cinema a se estabelecerem no Pólo, para que ele se torne centro produtivo. Uma pousada para os artistas e lojas de materiais fotográficos seria boa idéia. Temos, no DF, um Setor Gráfico que funciona muito bem. Por que não um Pólo que vá a todo vapor?



MARCOS ARRUDA
(PSDB)

O desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo no Planalto Central, na laboriosa cidade de Sobradinho, é uma justa homenagem ao Distrito Federal, que saberá corresponder à expectativa do ingresso do país na modernidade cultural do próximo milênio.

Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade, vem adquirindo os meios necessários para assumir posição de vanguarda no processo de criação e produção de cinema e vídeo, setores de ponta no processo cultural, tornando-se ponto de referência fundamental para os artistas e produtores de todo o país.



Taguatinga prestigiou o lançamento do DF Letras no Teatro da Praça

Taguatinga invade a Praça

Taguatinga prestigiou o lançamento da revista cultural de Brasília, o DF Letras. Cerca de 400 pessoas participaram do Sarrau Cultural da Praça, o primeiro evento dessa natureza realizado no último dia 5 de setembro, após a reinauguração do Teatro da Praça. Ponto de efervescência da produção cultural de Taguatinga, o Teatro reuniu naquela noite quente de uma quinta-feira pessoas de diferentes colorações partidárias, mas irmanadas pela causa maior, a cultura.

As boas-vindas à cidade foram dadas pelo administrador de Taguatinga, Maurício Dutra Garcia, e em seguida o vice-presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado José

Edmar Cordeiro, ressaltou o papel do DF Letras nos meios literários, não só de Brasília e suas áreas de influência, mas como referência nacional. Edmar frisou também que o fato de o DF Letras ser enviado para todas as escolas de 1º e 2º graus propiciaria uma motivação a mais para despertar o valor da cultura entre as crianças e adolescentes.

"Para que um país cresça culturalmente é preciso motivar e criar o gosto pelas artes ainda nas escolas", afirmou.

Acompanhado de vários escritores de Brasília, o presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, Ézio Pires, sugeriu que o DF Letras encabeçasse "uma grande caravana cultural" em todas as cidades em que



Os poetas e escritores de Brasília consideram a contribuição do DF Letras valiosa

ele fosse lançado, a exemplo do que ocorria naquele momento em Taguatinga. Enquanto o DF Letras fosse lançado, paralelamente ocorreriam mostras de pinturas, músicas e livros, tudo a um só tempo, em uma caravana de cultura. A proposta teve adesões imediatas.

Durante a apresentação do show, destacamos o coral do grupo musical "De Bem com a Vida", formado por deficientes visuais que freqüentam a Biblioteca Dorina Nowill, que desenvolve o projeto Luz & Autor, coordenado pela professora Dinorá Cansado e apoiado pela supervisora da biblioteca Braille, professora Maria Dalila Brito, que coloca à disposição dos usuários obras de escritores brasileiros em linguagem Braille.

Ao som do chorinho "Brasileirinho" a bailarina Anny Correia esbanjou vitalidade, graça e leveza em sua apresentação de dança de gafeira, sendo coadjuvada por seu partner que também deu um show à parte. O cantor e compositor Beirão apa-



A emoção tocou a todos com a música do cantor Beirão, o coral do grupo "De Bem com a Vida" e a apresentação do grupo de pagode "Nosso Canto". O deputado Edmar Cordeiro disse que o DF Letras tem repercussão nacional e a bailarina Anny Correia e seu partner deram um show de gafeira.

receu e deu uma "canja", fazendo todo mundo cantar antigas canções da nossa música popular, além de cantar composições próprias. Encerrando o espetáculo, o grupo de pagode "Nosso Canto" fechou com chave de ouro a apresentação musical. Depois foi servido um coquetel e a festa foi noite a dentro.

O Teatro é do povo

Chico Nóbrega

O poeta maior da Bahia, Castro Alves, um dos maiores nomes da língua portuguesa, afirmava que a praça era do povo e o céu do condor. Em Taguatinga, cidade-satélite do Distrito Federal, a reinauguração de um teatro, o Teatro da Praça, localizado próximo à Praça do Relógio, ampliou e extrapolou as palavras do poeta. Tanto a Praça quanto o Teatro, agora, são de fato do povo.

Não foi à toa que o bravo poeta-jornalista - ou jornalista-poeta? - Ézio Pires, presidente do Sindicato dos Es-

critores do DF, fez uma defesa candente da cultura de Brasília e daqueles que nela militam a duras penas. O vice-presidente da Câmara, deputado José Edmar, garantiu que o DF Letras também fará o seu sarau em Ceilândia, uma cidade com uma história singular.

E a noite foi ganhando densidade com o coral dos deficientes visuais da biblioteca Dorina Nowill, com a dança de gafeira de Anny Correia e seu partner, do bom violão-vagabundo do cantor e compositor Beirão,

do pagode do grupo "Nosso Canto", dos amigos e companheiros do DF Letras. Até o nosso deputado-mímico - ou ao contrário? - Miquéias Paz fez sua "declaração" de devoção à cultura e ao DF Letras, sem contar com a performance do Mário Carvalho que, embalado em um "Navio Negro" pós-moderno, fez da declamação uma homenagem sincera a ex-deputada Maria de Lourdes Abadia, entregando-lhe uma deslumbrante rosa vermelha-coração, sangue, emoção, êxtase.



MARCO LIMA
(PSDB)

O Pólo de Cinema e Vídeo é crucial para Sobradinho. Quando foi instalado, em meio à expectativa sobre qual cidade do Distrito Federal ofereceria melhores condições logísticas para abrigá-lo, Sobradinho vibrou quando foi a escolhida. Infelizmente, hoje, o Pólo produz uma certa imagem de frustração: está praticamente abandonado. Precisa, com urgência, ser revitalizado. Sobradinho espera que o Pólo deixe de ser ficção para se tornar realidade.

DF Letras

A revista cultural de Brasília

Com mais de 5 mil assinantes em todo o País, toma-se, a cada edição, uma referência obrigatória para quem gosta e faz cultura.

PEÇA O SEU EXEMPLAR

Câmara Legislativa do DF
SAIN Parque Rural
CEP 70086-900
Brasília - DF

LUZ

Mais uma vez sou credor da boa vontade e acolhida do DF Letras, que tem nos prestigiado (e a outros também), franqueando esse importante espaço para debatermos a cultura no DF.

O DF Letras tem crescido em todos os níveis: gráfico, estético, diagramação, seleção de matérias e autores. A continuidade desse Suplemento é algo alvissareiro, porque acende uma luz, considerando que o País carece de publicação de qualidade, como essa.

Assim é que nossos cumprimentos se dirigem a todos que arregaçam as mangas para fazer esse trabalho de primeiro nível.

Sucesso!

Ronaldo Cagiano - DF

Divulgação

Na qualidade de Promotor de Justiça, jornalista e amante da literatura, solicito os préstimos de V. Sa. no sentido de me remeter os números disponíveis da sua prestigiosa revista DF Letras.

Darei a maior divulgação possível, inclusive no jornal

"O Norte", onde escrevo. Atenciosamente,

Fernando Vasconcelos - PB

Preciosidade

Parabéns pela edição do Suplemento Cultural DF Letras nº 23/24 que trouxe na seção especial um artigo do historiador Oliveira Mello, de Paracatu.

A revista é uma preciosa colaboração à cultura literária e fonte de enriquecimento para os professores de 1º e 2º graus.

Gostaria de receber o Suplemento Cultural e solicito de V. Sa. as orientações necessárias.

Atenciosamente,

Maria José G. Santos - MG

Talento

Acabo de receber o belo Suplemento Cultural nº 23 e 24.

Ana Caçador, de preciosas mãos, esbanja talento e nos oferece a capa mais linda e incrível já vista em uma revista literária.

Parabéns a toda equipe do DF.

Certamente seguir recebendo a revista é o meu desejo.

Com meus agradecimentos, deixo também um abraço cordial.

Mercedez Vasconcellos - SP

Foldore

O "ê... boil" objeto de capa e artigo do nº 21/22 me fez recordar de um outro boi, o boi de mamão, equivalente sulista desse outro, que se apresenta por aqui e em cuja festa junina pude apreciá-lo mês passado, como recém-chegada do Planalto Central para as praias da Ilha da Magia.

Aproveito a ocasião para agradecer a remessa do referido exemplar e solicitar dos senhores a gentileza de corrigir meu nome e atualizar o endereço para correspondência.

Continuem se preocupando com a cultura e o resgate de tradições de nossa terra e da nossa gente. Todos nós sairemos ganhando!

Muito obrigada.

Cordialmente,

Martha B. de Martino - SC



Câmara Legislativa do Distrito Federal
Vice-Presidência

Coordenador de Editoração e

Produção Gráfica: Nelson Pantoja

Editor DF Letras: Chico Nóbrega

Projeto Gráfico: Cláudio Gardin

Programação Visual: Marcos Lisboa

Capa: Claudio Gardin (criação sobre

a xilogravura do artista Joel alusiva ao

XXVº Festival Nacional de

Cantadores).

Fotografia: Silvio Abdon

Carlos Gandra e Fábio Rivas

Revisão: Vania Maria Codeço Velloso

e Anamaria Silva Pinheiro

Ilustradores:

Ana Caçador, Margarette de Cássia,

Cláudio Gardin e Marcelo Perrone

Digitadores:

Edivaldo Camelo da Silva e Gilberto

Lucas

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica:

Márcia Machado, Oscar Monterrojas

e Valter Gonçalves

Chefe da Seção de Editoração:

Gilmar Martins Borges

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Apolo

Guandalini, Cláudio de Deus,

Francisco Dino, Hélio Araújo, José

C. de Sousa, Nelci Stein e Nilza

Márcia Gerin

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adailton Godoy,

Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de

Macedo, Celso Santana, Denilson

Caldas, Edson de Lima, Glacy Barrozo,

Jonatas Martins, José Gomes, José

Bergamaschi, José de Albuquerque,

Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk,

Raimundo Nonato T. Carvalho,

Reinaldo Andrade, Rogério Muniz,

Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem: 5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses de

maio e junho, números 27 e 28.

Os autores das matérias publicadas

não recebem qualquer valor

pecuniário e é de sua inteira

responsabilidade o conteúdo das

mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do

Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone:(061) 348-8000

Koikwa

Brasília, sempre carente de bons espetáculos, teve oportunidade de assistir, no Memorial dos Povos Indígenas, um show bastante instigante.

Trata-se de "Koikwa - Um Buraco no Céu", trabalho teatral realizado pelas atrizes brasilienses Larissa Maltz e Clarice Cardell.



Escriba

O jornal Escriba, do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, ganhou nova roupagem.

Com novas colunas e informações atualizadas sobre o trabalho literário dos escritores de Brasília, o Escriba tem tudo para fazer sucesso.

DF Letras é dos escritores

Agora é oficial: o "DF Letras", já em suas próximas edições, passa a contar com um Conselho Editorial composto, entre outros, por representantes do Sindicato dos Escritores do DF e da Academia Brasiliense de Letras. O pleito, ansiosamente reivindicado pela comunidade artística de Brasília, foi encampado pelo de-

putado José Edmar Cordeiro que conseguiu, finalmente, aprovar a proposta no início deste mês na Câmara Legislativa.



Ézio: fomos atendidos

De acordo com o deputado José Edmar (PSDB), vice-presidente da Câmara, o "DF Letras" assume, assim, a função primordial para a qual foi criado: ser um veículo dos escritores do Distrito Federal. Abaixo, na íntegra, o Ato da Mesa nº 043/96 que cria o Conselho Editorial da nossa "revista cultural":

ATO DA MESA DIRETORA Nº 043 DE 1996

A Mesa Diretora da Câmara Legislativa do Distrito Federal, no uso de suas atribuições regimentais e em conformidade com o estabelecido no artigo 3º da Resolução nº 058/92, considerando-se o disposto na Resolução nº 113/96,

RESOLVE:

Art. 1º - O Suplemento Cultural instituído pela Resolução nº 058/92, denominada "DF LETRAS".

Art. 2º - O "DF LETRAS" tem por finalidade divulgar temas ligados às áreas sócio-culturais, especiais e políticas que contribuam para o crescimento humanístico da sociedade, mediante a publicação de contos, poesias, críticas, resenhas literárias e outros meios.

Art. 3º - A edição e distribuição do "DF LETRAS" são de responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica - CEPG, sob supervisão da Vice-Presidência da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Art. 4º - Fica a CEPG autorizada a cadastrar assinantes para distribuição gratuita de exemplares com o objetivo de fomentar e definir a cultura até o limite de tiragem autorizado pela Mesa Diretora.

§ 1º - Os escritores e as escolas da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal terão prioridade na distribuição dos exemplares do "DF LETRAS".

§ 2º - Fica autorizada a tiragem mensal de 5.000

(cinco mil) exemplares do "DF LETRAS".

Art. 5º - Para publicação das matérias no "DF LETRAS" poderão ser utilizados recursos gráficos, jornalísticos, artísticos e estéticos a critério dos editores, com prioridade para a impressão na gráfica da CLDF.

Art. 6º - Os colaboradores do "DF LETRAS" não receberão qualquer contrapartida financeira pela publicação de matérias de suas autorias.

Art. 7º - O "DF LETRAS" terá um Conselho Editorial a ser instalado por Ato da Mesa Diretora, mediante proposta da Vice-Presidência, composto por 5 (cinco) membros, representantes dos seguintes órgãos ou instituições:

I - Vice-Presidência da CLDF;

II - Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica;

III - Editor do "DF LETRAS";

IV - Sindicato dos Escritores do Distrito Federal;

V - Academia Brasiliense de Letras.

§ 1º - O Conselho de que trata este artigo reunir-se-á semestralmente para avaliar a linha editorial do "DF LETRAS".

§ 2º - O Conselho poderá reunir-se extraordinariamente por solicitação da maioria de seus membros.

§ 3º - As atividades desenvolvidas pelos membros do Conselho Editorial serão consideradas trabalhos relevantes, não cabendo nenhu-

ma remuneração pecuniária a qualquer dos Conselheiros.

Art. 8º - Ouvida a Mesa Diretora, o "DF LETRAS" poderá participar de concursos de premiação destinados às publicações ligadas às áreas de sua abrangência editorial, bem como promover eventos culturais dessa natureza.

Art. 9º - Este Ato entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 10º - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Reuniões, 2 de outubro de 1996.

Deputado GERALDO MAGELA
Presidente

Deputado JOSÉ EDMAR
Vice-Presidente

Deputado MANOEL DE ANDRADE
Primeiro Secretário

Deputado EDIMAR PIRENEUS
Segundo Secretário

Deputado PENIEL PACHECO
Terceiro Secretário



José Edmar: promessa cumprida

Cidadão deve acompanhar trabalho legislativo



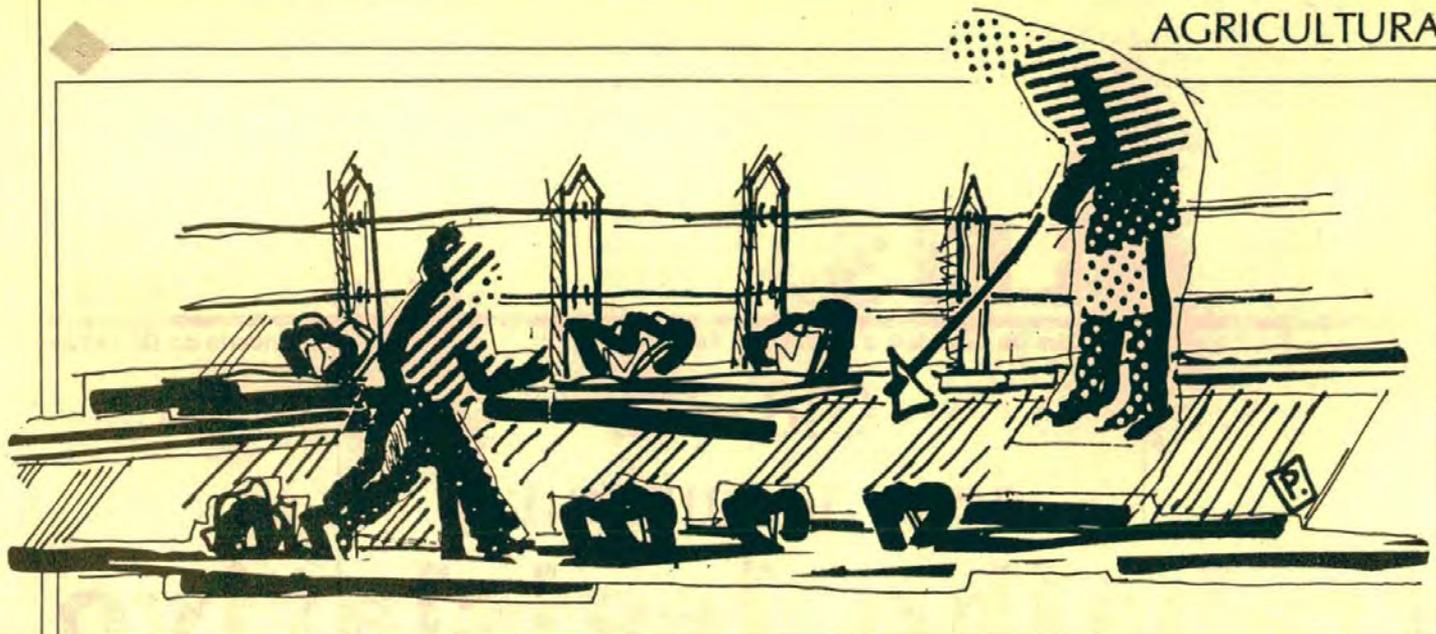
Você sabia que a Lei nº 363, de 27 de novembro de 1992, liberou a venda dos imóveis funcionais localizados na Granja do Torto? (Leia na página 4)

Nesta sétima edição, o DF Leis recolheu um conjunto de 19 leis sancionadas e promulgadas durante o ano de 1992, na primeira legislatura da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Dando continuidade ao trabalho de pesquisa e publicação em ordem cronológica das leis aprovadas, o DF Leis acredita que esse esforço tem contribuído para que a população do DF tome conhecimento do trabalho legislativo dos deputados distritais.

Esse é o verdadeiro papel dos deputados distritais: elaborar leis que venham contribuir para a qualidade de vida e cidadania da nossa comunidade.

O DF Leis considera o trabalho parlamentar e legislativo do deputado distrital de capital importância para o dia-a-dia de cada um de nós. Por isso é que o cidadão deve ficar atento aos trabalhos legislativos na Câmara Legislativa e acompanhar a tramitação dos projetos de lei.

Você sabia que a Lei nº 280, de 19 de junho de 1992, garante o passe livre de policiais militares e bombeiros fardados, nos ônibus urbanos do Distrito Federal? (Leia na página 8)



Hortas comunitárias

O deputado Peniel Pacheco é o autor do Projeto de Lei nº 311/92, que autoriza o Executivo a reservar áreas nas Regiões Administrativas para a implantação do programa Hortas Comunitárias. A iniciativa foi transformada na Lei nº 288, de 3 de julho de 1992.

Pela lei sancionada, a Emater-DF fica

responsável pela execução técnica do programa. A fiscalização é de responsabilidade de cada Administração Regional. O produto resultante do trabalho nas hortas comunitárias será destinado às famílias envolvidas no programa e o excedente poderá ser comercializado, sob a orientação da Emater-DF.

SAÚDE

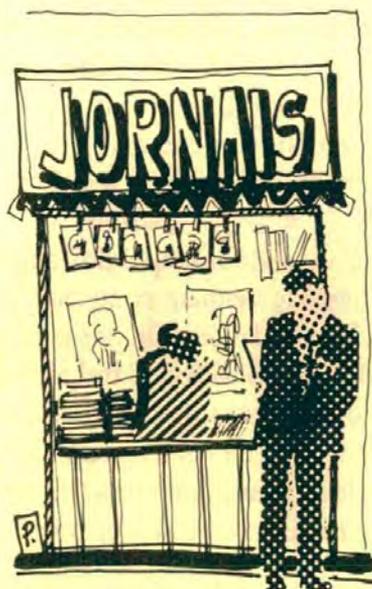
Técnico em enfermagem

O Projeto de Lei nº 125/91, de autoria do deputado distrital Tadeu Roriz, propunha ao Poder Público a criação da função de Técnico de Enfermagem na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal. A matéria foi acatada e transformou-se na Lei nº 352, de 12 de novembro de 1992.

A lei veio corrigir distorções e brechas legais existentes na Lei Federal nº 7.498, que regulamenta a prática profissional de enfermagem. Com a iniciativa do autor do projeto, os técnicos de enfermagem tiveram suas qualificações e habilidades profissionais reconhecidas pela Rede de Saúde Pública do DF.

JORNALEIROS

Bancas de jornais



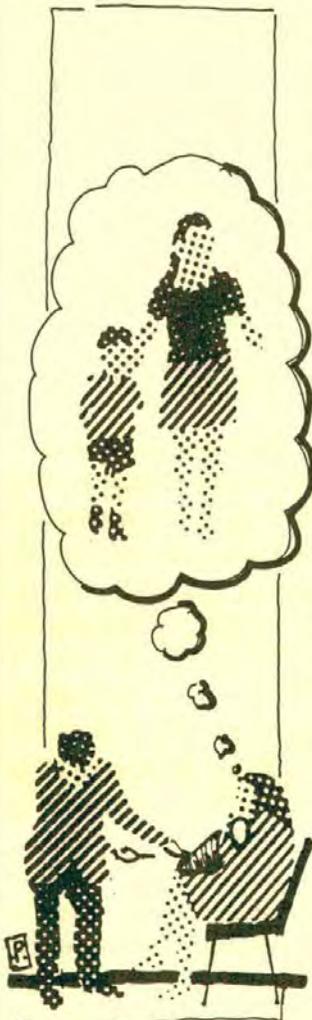
A Lei nº 324, de 30 de setembro de 1992, instituiu o serviço de bancas de jornais e revistas em áreas anexas no Distrito Federal. Originada do Projeto de Lei nº 382/92, de autoria do deputado Aroldo Satake, a presente lei veio disciplinar a exploração de bancas de jornais e revistas. Pela proposta, a ocupação e exploração das bancas serão feitas através de concorrência pública, mediante assinatura de termo de permissão ou concessão de uso, com prazo de 10 (dez) anos.

Autonomia política

O dia 3 de outubro marcou o início de uma nova era na história de Brasília. Foi nesta data que foram realizadas as eleições, para todos os níveis, no Distrito Federal, pela primeira vez. A determinação para a realização de eleições gerais foi instituída a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988. A proposta para a celebração do dia da autonomia política do Distrito Federal é de autoria do deputado distrital Peniel Pacheco, através do Projeto de Lei nº 179/91, que deu origem à Lei nº 287, de 3 de julho de 1992.

SAÚDE

Teste do pezinho



Todos os hospitais e maternidades do Distrito Federal são obrigados a realizar exames nos recém-nascidos para diagnosticar precocemente a fenilcetonúria e o hipotireoidismo congênito. A Lei nº 326, de 6 de outubro de 1992, de autoria do deputado distrital Agnelo Queiroz, foi originada do Projeto de Lei nº 166/91, e garante a todos os bebês nascidos no Distrito Federal o direito de realizarem gratuitamente o teste do pezinho. Nos casos em que as doenças forem diagnosticadas precocemente nos hospitais da Rede Pública, o Executivo se responsabilizará pelo tratamento terapêutico necessário.



Lotes comerciais

Os lotes residenciais localizados nas esquinas das quadras nas cidades-satélites podem ser utilizados como comerciais. A proposta consta na Lei nº 291, de 13 de julho de 1992, originada do Projeto de Lei nº 031/92, de autoria do deputado distrital José Edmar Cordeiro.

Pela lei sancionada, o tipo de comércio que pode ser montado se restringe exclusivamente ao varejista, além de ter a aprovação de dois terços dos moradores da quadra correspondente, através de abaixo-assinado. Fica proibida a autorização para comércio de bebidas alcoólicas servidas em mesa ou balcão, jogos eletrônicos e fliperamas, sinucas e bilhares.

Granja do Torto

O deputado distrital Manoel de Andrade apresentou à Câmara Legislativa do DF o Projeto de Lei nº 532/92, que autorizava o governo do Distrito Federal a alienar os imóveis

funcionais localizados na Granja do Torto, de propriedade da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal. A iniciativa resultou na Lei nº 363, de 27 de novembro de 1992.



COMUNICAÇÃO

Chateaubriand

Para homenagear o jornalista e empresário do setor de comunicação, Assis Chateaubriand, o deputado distrital Salviano Guimarães propôs à Câmara Legislativa do

DF a concessão do título de Cidadão Honorário de Brasília ao pioneiro das comunicações no Brasil. O Projeto de Lei nº 518/92 foi transformado na Lei nº 325, de 2 de outubro de 1992.

Legalização de lotes

Os deputados distritais Eurípedes Camargo e Wasny de Roure apresentaram à Câmara Legislativa do DF o Projeto de Lei nº 315/92, que legaliza a situação das famílias que ocupam lotes de forma irregular na cidade-satélite de Samambaia. A iniciativa dos parlamentares deu origem à Lei nº 307, de 11 de setembro de 1992.

Na justificativa da proposta, os deputados afirmam que, quando da entrega dos lotes do Programa de Assentamento Populacional em Samambaia, muitos ganhadores de imóveis não fixaram residência no local. Com isso, várias famílias carentes ocuparam os lotes abandonados. Daí a necessidade de uma lei para acabar com a insegurança dessas famílias.

NATUREZA

Parque ecológico



A população da cidade-satélite de Brazlândia poderá usufruir das belezas naturais de um parque ecológico. A proposta consta do Projeto de Lei nº 420/92, de autoria do deputado Edimar Pireneus, e deu origem à Lei nº 302, de 26 de agosto de 1992.

Pela proposta, o Executivo fica autorizado a criar o Parque Ecológico Veredinha, em Brazlândia, de conformidade com o projeto elaborado pela Secretaria do Meio Ambiente do Distrito Federal.

Isenção de taxas

As entidades assistenciais e beneficentes declaradas de utilidade pública no Distrito Federal estão isentas do pagamento da Taxa de Limpeza Pública-TLP. A Lei que garante o benefício recebeu o nº 345 e foi sancionada em 3 de novembro de 1992. O autor da proposta é o deputado Jorge Cauhy, que apresentou o Projeto de Lei nº 496/92 à Câmara Legislativa do DF.

DEMOCRACIA

Senhor Diretas



Ulisses da Silveira Guimarães ou simplesmente Ulisses Guimarães teve um papel de destaque na história recente do País. Defensor intransigente da democracia, da dignidade do homem e dono de um *curriculum* de homem público invejável, Ulisses Guimarães foi homenageado pela

Câmara Legislativa do DF com o título de Cidadão Honorário de Brasília. A proposta, de autoria do deputado José Edmar Cordeiro, através do Projeto de Lei nº 579/92, foi transformada na Lei nº 357, de 20 de novembro de 1992.



Sede própria

O brasileiro já conhece muito bem onde fica localizada a Câmara Legislativa do Distrito Federal. A participação popular nas votações de matérias importantes tem sido uma constante. Mas a atual sede da Câmara Legislativa é provisória.

O deputado Salviano Guimarães, através do Projeto de Lei nº 086/92, apresentou proposta que reserva terreno para a construção do prédio definitivo da Câmara Legislativa do Distrito Federal. A matéria deu origem à Lei nº 330, de 8 de outubro de 1992. A nova sede será construída no Eixo Monumental, próxima à Praça do Buriti.

ASSISTÊNCIA

Saúde da mulher

A preocupação com a saúde da mulher levou a deputada distrital Maria de Lourdes Abadia a apresentar à Câmara Legislativa do Distrito Federal o Projeto de Lei nº 366/92, que propõe a obrigatoriedade de oferta, na Rede Pública de Saúde do DF, de serviço para atendimento integral à saúde da mulher, bem como a assistência para planejamento familiar.

O projeto foi transformado na Lei nº 331, de 8 de outubro de 1992, e prevê, entre outros benefícios, as ações de caráter preventivo e curativo, relacionadas à gestação, parto e pós-parto, assistência ginecológica, prevenção e controle do câncer ginecológico e mamário e a assistência à infertilidade e contracepção.

Santa Maria

Resultante de um grande assentamento populacional de baixa renda, no início de 1990, Santa Maria exigia a regularização definitiva daquela satélite. Em outubro de 1992, a deputada Rose Mary Miranda apresentou à Câmara Legislativa do DF o Projeto de Lei nº 587/92, que autorizava o Poder Executivo a criar a Região Administrativa de Santa Maria - RA XIII.

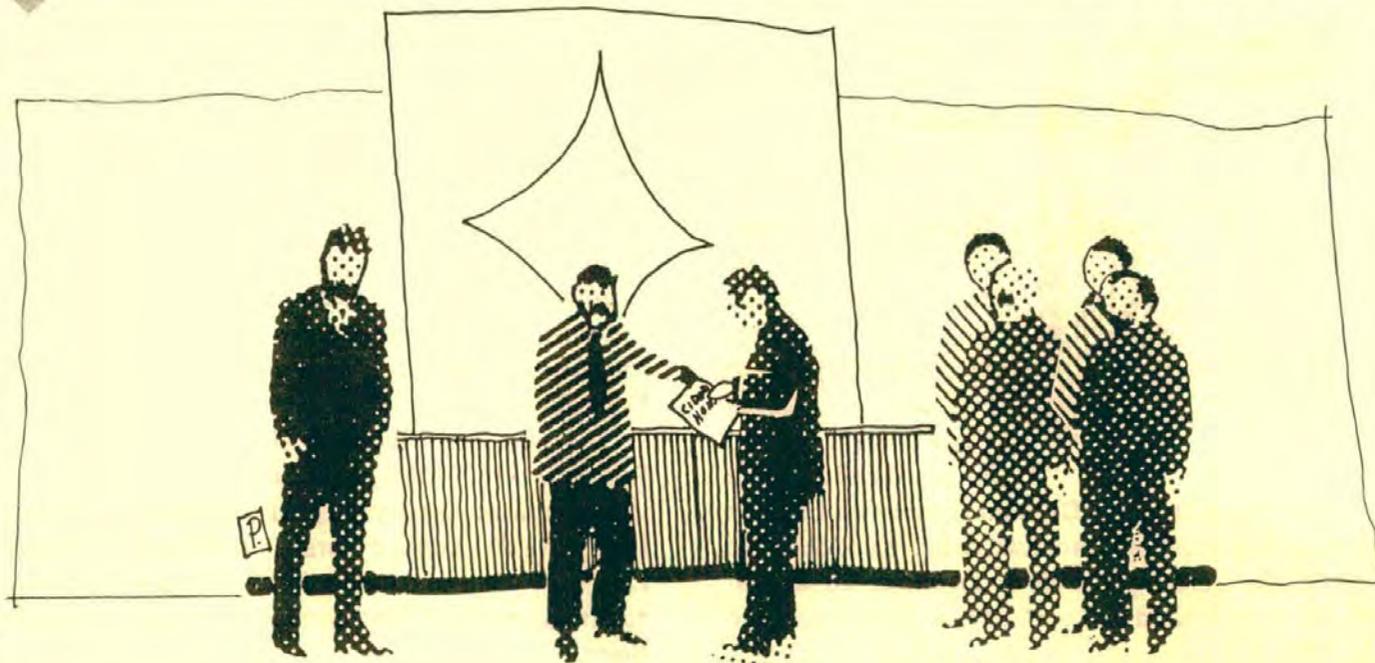
A proposta foi transformada na Lei nº 348, de 4 de novembro de 1992, e com isso a cidade ganhou sua autonomia administrativa, deixando de ser subordinada à Administração do Gama.

Carga horária

O deputado Benício Tavares apresentou, através do Projeto de Lei nº 133/91, proposta reduzindo a carga horária das servidoras do Governo do Distrito Federal, mães de deficientes. A iniciativa gerou a Lei nº 323, de 30 de setembro de 1992.

Pela lei aprovada, as servidoras poderão ter redução na carga horária de trabalho, adoção de horário especial ou móvel. Segundo o parlamentar, os cuidados materiais e o zelo das mães para cuidarem de um filho com deficiência física demandam muito tempo, daí a necessidade de ter flexibilidade no horário de trabalho.

IMPEACHMENT



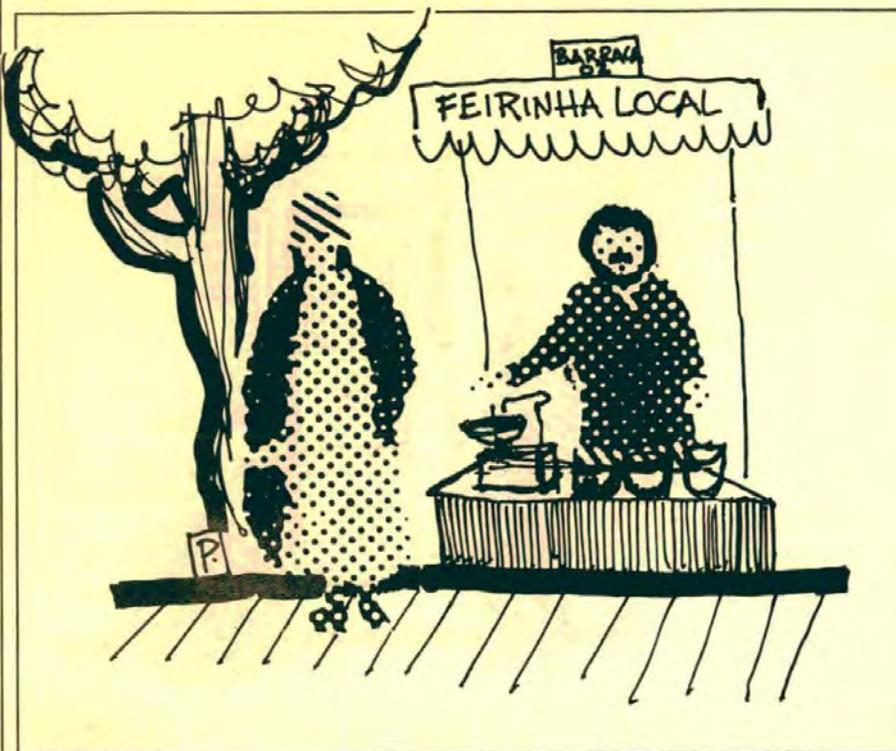
Um brasileiro

Quem não se lembra da participação de Francisco Eriberto Freire França na Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso Nacional que resultou no *impeachment* do ex-Presidente Fernando Collor? Com o intuito de homenageá-lo, o deputado distrital Peniel Pacheco apresentou à Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 552/92,

que propôs a concessão do título de Cidadão Honorário de Brasília a Eriberto França.

A iniciativa resultou na promulgação da Lei nº 346, de 4 de novembro de 1992, pelo presidente da Câmara Legislativa, uma vez que o chefe do Executivo local à época negou a sanção da referida lei.

FEIRANTES



Feiras livres

Uma das leis mais alteradas pela Câmara Legislativa do Distrito Federal é sem dúvida a que trata das feiras livres, a Lei nº 235, de 15 de janeiro de 1992. Para atender às reivindicações dos feirantes, a deputada distrital Rose Mary Miranda propôs, através do Projeto de Lei nº 449/92, alterar a referida lei, que já havia sido modificada,

também, pela Lei nº 259, de 5 de maio de 1992.

Pela proposta da deputada, transformada na Lei nº 321, de 24 de setembro de 1992, as feiras livres tradicionais que forem transformadas ou substituídas por permanentes serão ocupadas obrigatoriamente pelos feirantes licenciados que operarem no local.

HOMENAGEM

Cidadão honorário

Para homenagear o professor de judô e pioneiro de Brasília, Michio Ninomiya, os deputados distritais Benício Tavares e Aroldo Satake propuseram à Câmara Legislativa o

Projeto de Lei nº 436/92, concedendo o título de Cidadão Honorário de Brasília ao desportista. A iniciativa foi transformada na Lei nº 311, de 17 de setembro de 1992.

Índice das Leis

- Lei nº 280/92
Ônibus gratuito
- Lei nº 287/92
Autonomia política
- Lei nº 288/92
Hortas comunitárias
- Lei nº 291/92
Comércio em residências
- Lei nº 302/92
Parque Veredinha
- Lei nº 307/92
Legalização de lotes
- Lei nº 311/92
Título de cidadão
- Lei nº 321/92
Feirantes
- Lei nº 323/92
Horário especial
- Lei nº 324/92
Banca de jornais
- Lei nº 325/92
Título de cidadão
- Lei nº 326/92
Teste do pezinho
- Lei nº 330/92
Sede da Câmara
- Lei nº 331/92
Saúde da mulher
- Lei nº 345/92
Isenção de taxa
- Lei nº 346/92
Título de cidadão
- Lei nº 348/92
Santa Maria
- Lei nº 352/92
Técnico de enfermagem
- Lei nº 357/92
Título de cidadão

Passé livre

Os policiais militares e bombeiros do Distrito Federal, quando fardados, podem usar gratuitamente os veículos de transporte público coletivo, com embarque pela porta de desembarque. A Lei nº 280, de 19 de junho de 1992, que garante o passe livre dos PMs e bombeiros nos ônibus, se originou do Projeto de Lei nº 375/92, de autoria do deputado distrital Fernando Naves.

Segundo o autor do projeto, a proposta visa garantir aos policiais e bombeiros militares mais agilidade por ocasião da locomoção para atender às necessidades de serviço, além de inibir a prática de qualquer ação delituosa pela presença de um militar fardado dentro de um coletivo.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

MESA DIRETORA

Presidente Geraldo Magela - PT **Vice-Presidente** José Edmar - PSDB **1º Secretário** Manoel de Andrade - PMDB **2º Secretário** Edimar Pireneus - PMDB **3º Secretário** Peniel Pacheco - PSDB

Suplentes da Mesa: Cláudio Monteiro - PPS Daniel Marques - PMDB

I - COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Presidente
João de Deus - PDT

Vice-Presidente
Renato Rainha - PL

Deputados titulares
Benício Tavares - PMDB
Cláudio Monteiro - PPS
Euripedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Renato Rainha - PL

Deputados suplentes
Adão Xavier - Sem Partido
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Odilon Aires - PMDB

II - COMISSÃO DE ECONOMIA, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Presidente
Tadeu Filippelli - PMDB

Vice-Presidente
Zé Ramalho - PDT

Deputados titulares
Adão Xavier - Sem Partido
Daniel Marques - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Odilon Aires - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Benício Tavares - PMDB
Euripedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Marcos Arruda - PSDB

III - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS

Presidente
Marcos Arruda - PSDB

Vice-Presidente
Jorge Cauhy - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Jorge Cauhy - PMDB
Marcos Arruda - PSDB
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Peniel Pacheco - PSDB

Deputados suplentes
César Lacerda - PTB
Cláudio Monteiro - PPS
Daniel Marques - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

IV - COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Presidente
César Lacerda - PTB

Vice-Presidente
Luiz Estevão - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
César Lacerda - PTB
Lúcia Carvalho - PT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Edimar Pireneus - PMDB
Euripedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Renato Rainha - PL


Coordenação de Editoração e
Produção Gráfica

DF Leis - Encarte do Suplemento Cultural DF Letras, editado sob a responsabilidade da Coordenadora de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência. Coordenador de Editoração e Produção Gráfica Nelson Pantoja (Reg. Prof. 916/06/01-MTB-DF); Editor Executivo Chico Nóbrega (Reg. Prof. 371/03/55-MTB-DF); Diagramação Marcos Lisboa.

Ilustrações: Marcello Perrone; Editoração Eletrônica: Apolo Guandalini, Revisão: Anamaria Silva Pinheiro e Vânia Codeço Velloso. Composição: Setor de Editoração da CLDF. Redação: 348.8412 - 348.8963. Câmara Legislativa do Distrito Federal - SAIN - Parque Rural 70086-900 - Brasília-DF